

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Cynthia Filipino

“COM QUANTOS ‘NÓS’ TECEMOS UMA HISTÓRIA?”
EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE ABAYOMIS AKPALÔS

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FILIPINO, Cynthia .

"COM QUANTOS 'NÓS' TECEMOS UMA HISTÓRIA? " : EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE ABAYOMIS AKPALÔS / Cynthia FILIPINO. – 2017.

64 f.

Orientador: Perses Maria Canellas da CUNHA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Exposição. 2. Abayomi. 3. Oralidade. 4. África. I. CUNHA, Perses Maria Canellas da, orient. II. Título.

CYNTHIA FILIPINO

“COM QUANTOS NÓS TECEMOS UMA HISTÓRIA?”
EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE ABAYOMIS AKPALÔS

Dissertação apresentada ao programa de Pós graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista em História. Linha de pesquisa: História da África
Orientadora: Perses Maria Canellas da Cunha

JUIZ DE FORA

2017

CYNTHIA FILIPINO

“Com quantos nós tecemos uma história?”
Exposição Itinerante de Abayomis Akpalô

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Orientadora: Mestre Perses Maria Canellas da Cunha

Ao meu Pai e a minha Mãe por me darem presentes
preciosos na infância: histórias

Agradecimentos

Queria agradecer primeiramente a minha família, pai Cleber, mãe Lenir, irmã Renilde, companheiro Geovan, tia Lercy e primos Ester e Elias pela paciência e compreensão nestes últimos meses. Por perdoarem minha falta de tempo e estresse principalmente ao final do curso.

Agradecer a Fernanda Thomaz, aos professores convidados durante o curso, aos monitores Juliana e Eduardo, ao Daniel, por transformarem a Universidade e fazê-la cantar com a aldeia.

Agradecer também a Mariana de Oliveira pela amizade e carinho. A Shirley de Oliveira, Joseany Lazzary e Aline Marques por esses doze meses de convívio e reciprocidade. A Priscila Franco por potencializar mudanças positivas na minha vida profissional e pessoal. A orientadora Perses Canellas a quem tive o prazer de conhecer durante o curso, hoje minha referência na área da contação de história.

As crianças do Projeto Habilidade de Estudos – PHE – do Sesc Juiz de Fora do ano de 2016, a elas devo toda minha inspiração para este trabalho.

“Boneca de pano
feita de nós
e de muitos NÓS:
pluralidade, identidade, acalento,
(re)encontros preciosos
que a cada saudade
e a cada banzo
uma nova Abayomi nos traga a certeza da não solidão
porque não andamos sós,
nossos passos veem de longe”
Thica

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar um projeto de exposição itinerante em escolas públicas da cidade de Juiz de Fora que levará através das bonecas abayomis, uma problematização dos temas oralidade, memória, e identidades africanas e afro-brasileiras. A África como berço da tradição oral, nos traz ensinamentos múltiplos que podemos apropriar em nossa educação tanto familiar quanto escolar. Este trabalho pretende trazer uma pequena parte da história da África presente nos contos populares, recontados de velhos para jovens, de geração em geração, como forma educativa e de transmissão cultural.

Palavras-chave: Exposição; Abayomi; Oralidade; África.

Resumen:

Este estudio tiene como objetivo presentar un proyecto de exposición itinerante en las escuelas públicas en la ciudad de Juiz de Fora, que le llevará a través de los muñecos abayomis, un cuestionamiento de temas oralidad, la memoria y las identidades africanos y afro-brasileños. El África como cuna de la tradición oral, aporta múltiples lecciones que se pueden reconocer en nuestra educación familiar y escolar. Este trabajo tiene como objetivo aportar un poco de la historia de esta África en los cuentos populares, relató de nuevo de edad a los jóvenes, de generación en generación como una forma educativa y transmisión cultural.

Palabras clave: Exposición; Abayomis; Oralidad; África.

Imagens

Imagem 1: Abayomi personagem do conto “A princesa, o Fogo e a Chuva”	22
Imagem 2: Abayomi personagem do conto “Como Anansi se transformou em uma aranha”	23
Imagem 3: Abayomi personagem do conto “A mulher que desejava comer peixe”	24
Imagem 4: Personagem do conto “O rato e o Caçador”	25
Imagem 5: Velhas Akpalôs	26
Imagem 6: Velhas Akpalôs nos balanços	27
Imagem 7: Banner para apresentação	28
Imagem 8: Recipientes para o recolhimento de assinaturas I	29
Imagem 9: Recipientes para o recolhimento de assinaturas II	30
Imagem 10: Mapa lúdico em tecido África-Brasil - XVI-XIX	31
Imagem 11: Mala utilizada para composição das histórias	32

Sumário

Introdução	11
1. A proposta	12
2. A Exposição Itinerante	22
1. Bonecas Abayomis contos África Ocidental	22
2. Bonecas Abayomis contos de Angola e Moçambique	24
2.3. Banner	28
2.4. Recolhimento de assinaturas	29
2.5. Mapa Lúdico	31
1. Mala viajante	32
2. O CD	33
2.7.1 Transcrição do conteúdo do CD	33
2.7.1.1. Faixa 1: A Princesa, o Fogo e a Chuva – África ocidental. (Duração: 6’30’’)	33
2.7.1.2. Faixa 2: Como Anansi tornou-se uma aranha – África Ocidental.	

(Duração: 10'24")	34
2.7.1.3. Faixa 3: A mulher que desejava comer peixe – Angola. (Duração: 9'17")	37
2.7.1.4. Faixa 4: O rato e o caçador – Moçambique. (Duração: 8'48")	39
Referências Bibliográficas	42
Anexos	44
Anexo 1: PORTFÓLIO I	44
Anexo 2: PORTFÓLIO II	50
Anexo 3: PORTFÓLIO III	55
Anexo 4: PORTFÓLIO IV	59

Introdução

Foi a experiência trabalhando atualmente em uma biblioteca que me trouxe a ideia de propor este trabalho. Desenvolvendo atividades com crianças de 6 a 11 anos e idosos de projetos sociais, a biblioteca ganhou espaço ao propor uma oficina de leitura e contação de histórias da cultura afro e histórias da cultura popular brasileira dentro do acervo.

A história falada, contada, ouvida sempre esteve presente no nosso cotidiano, com nossos avós, pais, ou professores primários. Quando crescemos um pouco, isso diminui. Parece que não é mais necessário contar e ouvir histórias, somos levados a ler, e quase sempre

não pode ser em voz alta. Cada um na sua leitura, no seu espaço, com seu livro¹. A importância de se contar/ouvir história está justamente na capacidade de troca entre quem conta e quem ouve, nesta interação onde a memória se desenvolve juntamente com a atenção ao que é narrado.

Muitas histórias foram contadas nestes dois anos de experiência na biblioteca. Mesmo sem formação específica de contadora de história, sei que só podemos contar bem as histórias que nos marca, nos emociona e nos identifica. A condição de ser portador de uma história o ser humano tem. Pois nasce ouvindo, aprende a falar narrando, inserido em uma história que existe antes de nascer e continua depois de morrer². Apesar de o Brasil ser um país onde temos uma ascendência cultural de índios e africanos, esses que tem o costume de se reunirem em roda para trocar histórias, experiências cotidianas, seus rituais e etc. O poder da palavra, a oralidade é uma característica marcante das culturas que nos formaram diretamente. Temos o potencial, falta desenvolvê-lo.

O resgate da palavra oral, através da contação de história, como forma de reativar o interesse pela escuta e para a valorização dos contos populares na educação escolar é o objetivo deste trabalho, trazendo através da temática africana a possibilidade metodológica por excelência para tal atividade quando o assunto é oralidade. Como desenvolver um projeto que traz a importância da fala, da tradição oral por escrito? Para tentar solucionar este impasse, a ideia é levar as escolas públicas e particulares de Juiz de Fora uma Exposição Itinerante que intitulei de “*Com quantos ‘nós’ tecemos uma história? Exposição itinerante de Abayomis Akpalôs*”.

Sem generalizar, é possível dizer que tradicionalmente, a África³ tem a oralidade enraizada nas bases de suas culturas. Pois, de um modo geral, a cultura africana tem na sua essência a característica da transmissão oral de seus saberes, suas crenças, história e ancestralidade⁴. A oralidade faz parte do ser africano em todos os seus aspectos, em todas as suas relações. Estudar a África é levar em consideração esse fato: não há possibilidade de entendê-la, sem entender o que é a tradição oral no universo cultural africano.

1 SEIDL, Surian. *Entre a vos e a letra... o espaço do encantamento*. Revista África e africanidades. Ano IV, nº 14/15, agosto/novembro, 2011.

2 SISTO, Celso. Histórias... Muitas histórias. IN: SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012. P. 83.

3 A África deve ser compreendida em sua diversidade geográfica, humana e cultural.

4 PAULA JR, Antônio Filogenio de. *Educação e oralidade no oeste africano pela representação de Amadou Hampaté Bâ*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2014.

Hampaté Bâ, importante mestre da tradição oral do Mali, já relatou em alguns de seus trabalhos a falta de conhecimento por parte dos Europeus em relação à cultura africana no que tange a oralidade, quando várias vezes foi questionado sobre a qual importância desta tradição pra o resto do mundo⁵. Se levarmos em consideração que até muito recentemente o continente africano foi considerado um continente sem história⁶, por causa da pouca importância dada a escrita no interior de suas culturas, em contraste com a cultura ocidental eurocêntrica, percebemos que ainda há muitas Áfricas que não conhecemos, silenciada, ignorada e excluída por muito tempo.

Conhecer a África através da temática oralidade é minha proposta de trabalho a ser levada as escolas de Juiz de Fora através de uma exposição. Com formação em licenciatura, mas não exercendo a profissão atualmente, sei das dificuldades de trabalhar conteúdos específicos em sala de aula, devido ao pouco tempo de hora/aula semanal, e de uma série de interferências que sofrem os professores por parte da direção, colegas de trabalho e etc. A proposta atinge a escola de maneira total já que a exposição não pertence a uma sala de aula de uma série específica, mas atinge alunos, funcionários, pais e visitantes em geral que desejarem visitar a exposição. Além de oferecer a oportunidade do diálogo interdisciplinar, pois pode gerar discussões com alunos de diversas faixas etárias, em diferentes disciplinas e de inúmeras formas.

1. A proposta

Akpalô⁷ é uma palavra de origem africana da região onde hoje é a Nigéria, que significa “contadores de histórias”. Segundo Gilberto Freyre⁸ essa instituição africana se configurou no Brasil através de negras velhas que recontavam histórias as crianças no dia-a-dia, e foram elas as responsáveis pela transmissão oral de contos africanos. A exposição traz essa referencia através de um suporte artístico, lúdico, afetivo e criativo que é a Boneca Abayomi.

5 Ibid. nota 4, p. 14.

6 PRINS, Gwyn. História Oral. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Peter Burke (org). São Paulo: Unesp, 1992. P. 164.

7 Disponível em; <<http://www.museuafrobrasil.org.br/noticias/detalhe-noticia/2015/09/28/projeto-akpal%C3%B4-o-museu-afro-brasil-em-parelheiros>> Acesso em: 02 de janeiro de 2017, às 07:46hrs.

8 FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. P. 330-331.

As bonecas Abayomis, são uma criação da artesã Lena Martins⁹, maranhense, filha de costureira, que fundou junto com outras mulheres a *Cooperativa Abayomi* em 1988 na cidade do Rio de Janeiro, como forma de empoderamento da mulher e valorização da cultura negra. Esse coletivo de mulheres artesãs¹⁰ trabalha com retalhos de tecidos fazendo bonecas negras sem cola ou costura, sem demarcação de boca, olho nariz, para que possa representar múltiplas identidades. O significado do nome dado a boneca é muito característico de sua função: significa “meu presente” ou “encontro preciso” em Yorubá, etnia que vivia na região onde hoje estão situados os países Benin, Nigéria e Togo¹¹.

A boneca é uma peça simples de mobilização intensa que acaba criando vida nas mãos de quem a faz. É muito visível a sensibilidade que a boneca aguça: independente da idade, o afeto é marca presente na criação da boneca. A boneca também está intimamente ligada à estética negra, e a autoestima de mulheres e crianças negras, muitas vezes não representadas em nenhum espaço midiático, excluídas dos padrões racistas de beleza.

Meu contato com a boneca abayomi veio em uma feira de cultura africana produzida para celebrar a consciência negra em novembro com as crianças do projeto na empresa onde trabalho. Fui pesquisar a história da boneca e encontrei apenas fontes que traziam uma história da boneca amplamente difundida que é a de que as mães africanas para acalantar seus filhos enquanto estavam sendo transportados nos tumbeiros para se tornarem escravos no Brasil, faziam bonecas de pano utilizando o próprio tecido das roupas que vestiam¹². Apesar de a versão ser popularmente aceita, essa é uma história criada pela própria Lena Martins, a criadora da boneca.

Tive a oportunidade de fazer um curso de boneca Abayomi oferecido pela Biblioteca Municipal Murilo Mendes em Juiz de Fora com aicineira e arte-educadora Claudia Muller a Matintah Pereira, como é conhecida artisticamente, onde me aproximei ainda mais da arte Abayomi. E foi na minha experiência como icineira e contadora de histórias da feira africana na minha empresa que eu vi a grandiosidade de uma boneca singela, feita pelas

9 SILVA, Sonia Maria da. *Experiência Abayomi*: coletivo, ancestralidade, femininos, artesanando empoderamentos. V Enecult - Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 maio, 2009. UFBA, Salvador. 2009.

10 Disponível em: <<http://www.bonecasabayomi.com.br/>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2016, às 21:03 hrs.

11 CASTANHA, Marilda. *Agbalá*: um lugar-continente. Belo Horizonte: Formato, s/d. p.18.

12 Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/#gs.x5OcCM4>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016, às 22:31 hrs.

nossas mãos, com materiais acessíveis que são sobras de retalhos, capaz de potencializar valores, reconstruir identidades, fortalecer memórias, reconhecer ancestralidades e acalantar corações.

As bonecas Abayomis da exposição são Akpalôs, portanto, trazem histórias para contar. A narrativa oral na África tem um papel fundamental na educação das crianças para formação de valores, reconhecimento cultural, histórico e ancestral, sendo a partir dessas narrativas que a sociedade se entende, se constrói e se organiza¹³. A Palavra tem uma origem divina, se relaciona com o sagrado, diretamente ligada a espiritualidade¹⁴. As histórias boca-ouvido são as memórias vivas da África e é uma minúscula parte desse universo da tradição oral que quero trazer na exposição.

As heranças orais na África não são transmitidas, como muitas pessoas pensam apenas pelos chamados Griôts, isso é um caso peculiar do oeste africano, que inclusive é mais complexo: existe uma diferença entre tradicionalistas, *os domas* e *griots*, *os dielis*. Os tradicionalistas tem um compromisso com a verdade da palavra. Eles transmitem o conhecimento, ele é um sábio em assuntos tradicionais, um conhecedor da palavra, da história, controla a fala, passa por iniciações que duram muitos anos. O griôt, no geral, se aproxima mais de um contador de histórias, é também genealogista na sua grande maioria, anima festas e não precisa ter um controle da fala, nem um compromisso fiel com a verdade. Mas existem griots-doma, ou seja, que se tornaram tradicionalistas¹⁵.

A transmissão oral em África não se limita a contos, lendas e mitos, mas abrange vários tipos de conhecimentos como ciência, técnicas, artes, crenças, normas morais, jurídicas, conselhos, avisos e ensinamentos¹⁶. Repassados pelas pessoas mais velhas, as sociedades orais, veem seus mais velhos como verdadeiras bibliotecas ambulantes, por quem tem grande admiração respeito. Essa transmissão “geracional de saberes ¹⁷” é uma característica chave da cultura de povos africanos. Para realização da exposição itinerante nas escolas, vou enfatizar um tipo do saber oral africano: os contos populares.

13 PAULA JR. Op., cit., 2014, p. 77-84.

14 BÂ, A. Hampatê. A tradição viva. IN: *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. KIZERBO, Joseph. Org. 2ªed. Brasília: Unesco, 2010. p. 183.

15 Ibid. nota 14.

16 Ibid. nota 14, p. 183.

17 PAULA JR. Op., cit., 2014, p. 107.

Os contos populares africanos possuem em geral um caráter exemplar e pedagógico. São contos que trazem um ensinamento presente na sociedade que se insere¹⁸. Esses contos, no entanto, podem ser ouvidos por pessoas de diversas culturas que serão compreendidos, pois são códigos relacionados a inveja, egoísmo, bondade, astúcia, respeito, guerra, fome, caça, pesca. Sem deixar de ter, é claro, elementos que regem as leis e costumes daquele povo, e acima de tudo ensina sobre o respeito a suas tradições e respeito aos mais velhos, que são os que narram e recontam essas histórias. A partir desses contos podemos empreender uma série de atividades, de discussões e atividades que levam ao conhecimento da cultura africana.

Inicialmente pensei em trazer a exposição de bonecas contadoras de histórias com contos orais escritos para que as professoras cotassem em sala de aula. A ideia era fazer desse material um suporte para as professoras ou contadoras. Mas depois, refletindo mais profundamente percebi que

“Cristalizar a oralidade na escrita implica perdas vitais e o oral *stricto sensu* perde-se, a fixação gráfica do texto altera e o estatuto do narrador/contador, pois a narrativa ganha as armas discursivas de expressão escrita, muito diferentes da expressão oral”¹⁹.

Os contos que escolhi para reconto, claro, não chegaram até mim por boca-ouvido. Foram lidos em livros de autores que fizeram recontos e publicaram. Mas escrevê-los no papel seria primeiro, uma contradição com o tema proposto e segundo, que não há garantias que ocorra a transmissão por reconto dessas histórias em sala de aula. Uma saída bem sucedida para esse impasse foi me apropriar do uso de recursos tecnológicos para que mesmo que em parte minha proposta se torne acessível: utilizando uma mídia de CD com os contos narrados para que os visitantes da exposição possam ouvir os e recontá-los a partir de suas memórias.

É sabido que na oralidade precisamos da performance que é um elemento importante na comunicação, como nas palavras de Rui Manoel, texto “não apenas pela fala, [...] texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto²⁰” elemento esse que se perde utilizando uma mídia de CD com áudios, como é o caso

18 NUNES, Susana Dolores Machado. Introdução. *A Milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano*. Universidade do Porto. Porto. 1ª ed. 2009. p. 47.

19 Ibid. nota 18, p. 23.

20 Disponível em: <<http://ricardoriso.blogspot.com.br/2007/10/eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em-poucas-trs.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2016, às 10:55 hrs.

desta exposição. Mas a ideia é compensar por outro lado: o uso da voz, tonalizando e projetando a voz, mudando seu ritmo, expressando o que diz, percebendo a musicalidade de cada frase. Além disso, cada história será acompanhada por instrumentos musicais.

A escolha dos contos não foi tarefa fácil. São muitos contos interessantes de diversos lugares da África. Mas preferi trabalhar contos de regiões que participaram do tráfico atlântico de escravos com destino o Brasil. É importante trabalhar nas escolas que a África não é uma coisa só, de uma cultura e de uma única língua. A ligação da cultura brasileira com a África vem de regiões específicas e que muitas vezes não estão localizadas aos países africanos na delimitação geográfica que existem hoje²¹. E é importante trazer isso para o âmbito da escola, localizar a África como continente, onde certas regiões nos interligam diretamente. Com a ajuda de um mapa lúdico dividi a África em duas regiões destacadas: o oeste africano ou África ocidental e uma parte da África subsaariana em destaque para Congo, Angola e Moçambique. O mapa acompanha as histórias, pois sendo quatro histórias definidas, duas são do oeste africano e duas da África subsaariana. O baixo número de reconto está ligado ao pouco tempo de produção deste trabalho. Futuramente a ideia é crescer esse número para diversos contos de diversos povos e culturas presentes na África.

Os dois contos que escolhi da África ocidental são bastante interessantes: o primeiro é um conto de Anansi, *“Como Anansi se transformou numa aranha”* que faz parte da mitologia Ashanti, povo originário da região onde hoje estão localizados os países Gana, Costa do Marfim e Togo. As aventuras de Anansi são peça essencial para se entender um pouco a cultura desse grupo que tem em seus contos uma característica especial: animais que se desentendem. A aranha é um animal presente na floresta costeira daquela região e, portanto, personagem-chave de suas narrativas²². Os contos de Anansi nos dizem

“Para alcançar seus objetivos, é preciso refletir, mas, sobretudo demonstrar astúcia. Trata-se de entender direito o que os outros esperam de nós e de encontrar soluções. É preciso se familiarizar com a natureza e com os bichos que nos cercam. É preciso saber ouvir os outros, e antes de tudo, levar em conta a opinião das mulheres, sua sabedoria e seu espírito prático”²³.

²¹ PAULA JR, Op., cit., 2014, p. 59-60.

²² *Anansi, o velho sábio*. Um conto axânti recontado por Kaleki. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007. P. 30.

²³ Ibid. nota 22, p. 31.

Esse conto pode ser encontrado em diversos livros. Eu utilizei *Mãe África* de Celso Cisto e *O príncipe medroso e outros contos africanos* de Anna Soler-Pont.

O segundo conto ligado à região ocidental foi escolhido por ser uma história que desmonta uma visão generalizada e estereotipada pelo imaginário popular formado pela televisão e filmes: a de que as regiões da savana africana e floresta tropical apenas apresentam cenários de safáris e aventuras. A história popular “*A Princesa, o fogo e a chuva*” é encantadora e no Brasil foi recontada brilhantemente por Celso Sisto em “*O casamento da princesa*”. A história que traz uma linda princesa, se remete aos grandes reinos daquela região. O conto que pode ser encontrado na internet em diversos sites está também publicado no livro *O príncipe medroso e outros contos africanos* de Anna Soler-Pont que foi minha primeira fonte. Esse conto é importantíssimo principalmente para as meninas, que muitas vezes tem problemas com a autoestima devido a falta de representação do seu biotipo em bonecas e em histórias de princesas.

A terceira e quarta história recontadas são da região de Angola e Moçambique, regiões estas que apesar de terem o idioma português como oficial, devido a colonização da região, possuem muitos falantes de línguas locais. Héli Chatelain e Henri Junod que reuniram muitos contos destas regiões nos trazem esse universo cultural bantu de histórias, fábulas, anedotas, adivinhas e provérbios²⁴. Uma história se chama “*A mulher que desejava peixe*” e a outra se chama “*O rato e o caçador*”.

A literatura africana era fortemente se não totalmente oral no período do tráfico atlântico de escravos, e muitas dessas histórias vieram nas memórias dos negros e sofreram influencia múltiplas, sendo modificadas ao longo do tempo em cada reconto. Histórias essas que por sua vez já haviam tido contato com outras tantas histórias europeias e asiáticas ao longo dos anos. Na região de Angola e Moçambique, podemos encontrar semelhanças entre contos destas regiões e do Brasil, isto porque temos uma ligação indissociável com essas culturas orais africanas²⁵. Como é o caso destes dois contos escolhidos para esta exposição que possuem algumas relações com contos populares identificados como brasileiros.

Cada duas histórias terá uma velha Akpalô feita pela técnica Abayomi para contá-las: uma velha representando os povos yorubás, com duas histórias e a outra representando os

24 NUNES, Susana Dolores Machado. *O conto popular e o conto popular africano*. A Milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano. Universidade do Porto. Porto. 1ª ed. 2009. p. 69-106.

25 SOUZA, Josiley Francisco de. *Do encanto ao encontro de vozes afro-brasileiras na tradição oral*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 143-160. 2º sem. 2010. p. 146-147.

povos bantos com as outras duas histórias, e cada história será representada pela sua personagem principal também Abayomi: Anansi o homem aranha, A princesa que casou com a chuva, A mulher grávida que queria comer peixe, e a mulher do caçador com bebê de colo. Portanto, serão duas velhas contadoras de história e quatro personagens principais. A exposição conta também para sua decoração com um mapa lúdico do continente africano e do Brasil feito em tecido, uma mala de viagem com fotos e cartões postais dos países africanos das regiões destacadas no mapa. Além de um banner explicativo da exposição.

Para recolher assinaturas dos visitantes da exposição a ideia é trazer ao invés de um livro de assinaturas, grandes pedaços de fitas coloridas para que cada visitante recorta para si um pedaço desta fita, escreve seu nome nela e dá um nó, unindo-a aos nomes de todos os outros visitantes da exposição criando um novo pedaço de fita remendado em nós. A ideia é mostrar o alcance das histórias boca-ouvido e criar elos entre as pessoas que as ouviram.

Parte importante da exposição é o equipamento de som acompanhado de fone de ouvido. Apesar de poder ser ouvida em volume alto para grupos grandes, fica a disposição para ser ouvida individualmente também. Junto com o equipamento vem o CD com as gravações²⁶ que não poderá ser emprestado, devendo ficar a disposição da exposição. Ele é o coração da exposição e, portanto, inseparável.

No Brasil, o audiolivro não é tão utilizado e não faz muito sucesso como nos Estados Unidos e Grã-Bretanha²⁷. O audiolivro é um suporte de acesso a leitura tem possui vantagens: poder ouvir no carro, no ônibus, em casa, sem precisar estar parado lendo. O acesso à literatura se torna possível as pessoas sem tempo, as pessoas que não sabem ler, as pessoas com algum tipo de deficiência visual, ativa a imaginação e atenção de quem escuta. Utilizar novas mídias na escola é um processo interessante e indispensável na aprendizagem contemporânea.

Depois de ler muito sobre a oralidade e propor um tema sobre esse assunto, pensei se essa minha proposta é acessível aos surdos. De imediato pensei que meu trabalho era acessível, afinal, poderia ser traduzido pelo interprete da escola. Mas pensando na mesma lógica de não haver um professor contador de histórias na escola e as histórias escritas não

²⁶ As gravações são um produto DEMO neste momento, gravadas em casa, a partir de um gravador de áudio de celular, sem edições e etc. Futuramente, com mais tempo e recursos, as histórias serão gravadas em Studio com todos os aparatos necessários para um boa edição de audiolivro.

²⁷ PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. *Audiolivro: inovações tecnológicas, tendência e inovação*. XV Seminário Nacional de bibliotecas Universitárias. São Paulo: Cruesp, s/d. p.3.

saírem do papel, a saída foi entrar em contato com meus amigos surdos e antigos colegas de classe, assim como professores e solicitar a tradução destes quatro contos através de um vídeo também colocado em mídia de DVD e, portanto, a utilização de uma TV/monitor para reprodução dos vídeos. Eu cursei um período de libras no ano de 2013 por um programa do governo chamado Pronatec e tomei conhecimento da necessidade de se formar profissionais habilitados para atender surdos em escolas da cidade. E como falta esse profissional na nossa cidade! No entanto, devido ao curto espaço de tempo de entrega deste material para avaliação, deixo aqui a proposta, mas não a coloco descrita no próximo capítulo, pois dependo de terceiros para a conclusão deste material.

Como foi falado, a exposição itinerante ficará nas escolas de Juiz de Fora onde terá um período de permanência de 60 dias em cada uma, o que corresponde a dois semestres escolares, entre fevereiro/junho, duas escolas e entre agosto/novembro mais duas, atendendo a quatro escolas por ano. Se a escola desejar pode prorrogar esse prazo para mais dois meses no máximo, com limite de quatro meses na escola. Esse período foi pensado para que a exposição possa repercutir de maneira satisfatória e abrangente envolvendo alunos e quiçá, a comunidade ao entorno da escola.

Por ser uma exposição não tem um público específico, a ideia é atingir diversas faixas etárias, pois é uma proposta para se ver e ouvir. A exposição pode ser visitada por quem se interessar se assim a escola permitir, mas principalmente foi pensada para ser visitada por turmas da escola acompanhada pelos professores, do Ensino fundamental I ao Ensino médio e Eja. Portanto não há uma faixa etária específica.

A minha sugestão é que essa exposição fique exposta na biblioteca da escola, pois é um lugar onde há livros e, portanto histórias. Temos tanto na rede estadual quanto municipal, um professor designado para atuar na biblioteca, portanto, é um lugar que um profissional pode comentar a exposição e trabalhar outras histórias com os alunos. Além disso, a exposição pode desenvolver a visita de alunos e familiares a biblioteca que costuma ser pouco frequentada nas escolas. Desenvolver ainda mais o espaço biblioteca são um dos motivos para ser o lugar de permanência desta exposição.

A partir dessa exposição os professores poderão trabalhar de maneiras variadas muitos temas a depender da criatividade, conhecimento, necessidade, interesse e disponibilidade de cada um. A proposta da exposição é fechada em si, mas as repercussões sobre ela podem ser inúmeras.

O objetivo desta exposição, portanto, não se limita a levar uma parte da história da África as escolas, mas de trazer conhecimentos múltiplos a partir do tema África. Como o de

reascender o gosto por narrar e escutar histórias. Quando pequena meus pais me contavam todos os dias histórias para dormir. Não eram lidas, eram narradas oralmente. Muitas das histórias eram invenção do meu pai que as criava instantaneamente, a medida que ia contando, para atender meu pedido quando já era tarde e estava cansado pois acabava de chegar do trabalho. Em minha casa, nunca foi de ter livros, mas se ouvia muitas histórias. Certa vez, depois de crescida ele me confessou que suas histórias eram criadas, e me disse que era um tormento quando no outro dia eu pedia para me contar novamente a história da noite anterior, e ele já não sabia mais qual era. É preciso resgatar a roda de família, os recontos de mais velhos, o diálogo entre as pessoas, o saber a hora ouvir e a de falar, ativar as memórias, a atenção e a imaginação.

Outro ponto importante de contribuição da exposição está na de produzir algo com o que se tem, nas palavras de Lena Martins, “fazer arte com o que a vida oferece”. Com o consumismo desenfreado, criamos geração de crianças que tem muitos brinquedos, e não sabem brincar, não se divertem. A boneca que pode ser confeccionada por crianças a partir dos seis, sete anos de idade e também por pessoas da terceira idade traz além de tudo que falamos sobre autoestima e empoderamento, uma relação com o fabricar brinquedos, com o imaginário e relação afetiva. É uma boneca barata, de grande valor e não preço. A brincadeira não é determinada pelo brinquedo, ao contrário, é a imaginação da criança que dita a brincadeira²⁸. Minha experiência com a Abayomi trouxe essa reflexão, quando muitas crianças se admiraram de ser possível fazer bonecas com retalhos e ficar tão bonita. Depois da oficina, as crianças queriam presentear pessoas com bonecas e não foi raro ver meninos e meninas com chaveiro de abayomi nos fechos das mochilas. Se grupos de adultos e idosos podem ver na fabricação das abayomis uma oportunidade de formação humana, profissional, discussão múltiplas sobre empoderamento e temas cotidianos, para as crianças ela pode ser a oportunidade de despertar possibilidades do brincar para além do material adquirido sobre determinado preço.

Portanto, a exposição intrinsecamente traz a partir da temática africana uma possibilidade de pensar uma educação diferente do modelo ocidental, que nos foi imposto. Traz uma oportunidade de vivenciar uma educação pela vida, como na África. Amadou Hampaté Bâ descreve a iniciação de um mestre tradicionalista

28 SILVA, Op., cit., 2009, p. 2.

“A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo indispensável durante toda a vida. A própria vida era educação. No Bafur, até os 42 anos um homem devia estar na escola da vida e não tinha “direito a palavra” em assembleias, a não ser excepcionalmente. Seu dever era ficar “ouvindo” e aprofundar o conhecimento que veio recebendo desde sua iniciação, aos 21 anos. A partir dos 42 anos, supunha-se que já tivesse assimilado e aprofundado os ensinamentos recebidos desde a infância. Adquiria o direito a palavra nas assembleias e tornava-se por sua vez, um mestre, para devolver a sociedade aquilo que dela havia recebido. Mas isso não o impedia de continuar aprendendo com os mais velhos, se assim o desejasse, e de lhes pedir conselhos. Um homem idoso encontrava sempre outro mais velho ou mais sábio do que ele, a quem pudesse solicitar uma informação adicional ou uma opinião. “Todos os dias” costuma-se dizer, “o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu”. Assim, a educação podia durar a vida inteira”²⁹.

A política educacional brasileira segue modelo ocidental europeu de educação e não leva em consideração a dimensão humana do aluno, em sua proposta curricular, e, portanto, procura apagar práticas culturais negras enraizadas na cultura brasileira, recriadas e desenvolvidas o longo da história África/Brasil. Estas práticas têm marcas da oralidade, da espiritualidade, da ancestralidade, memória, expressão corporal africana³⁰. A educação brasileira precisa olhar para a cultura africana não apenas pelo viés da história, mas pelo seu método educacional.

O estudo da história africana e afro-brasileira são essenciais para a educação brasileira. A relação da África com o Brasil começou há quatrocentos anos e por muito tempo tem sido reprimida como história, como cultura, como manifestação religiosa, linguística. A necessidade desse ensino é indiscutível é inegável e mesmo assim encontramos barreiras para fazê-la se efetivar nas escolas e espaços educacionais. É preciso pensar uma diretriz educacional que discuta as relações étnico raciais, que desenvolva uma educação menos excludente, que crie pessoas mais conscientes de si e do outro, que eduque para a vida e através dela. É possível empreender um caminho que nos leve a uma educação para a liberdade. E é possível encontrá-lo dentro de nossa própria história.

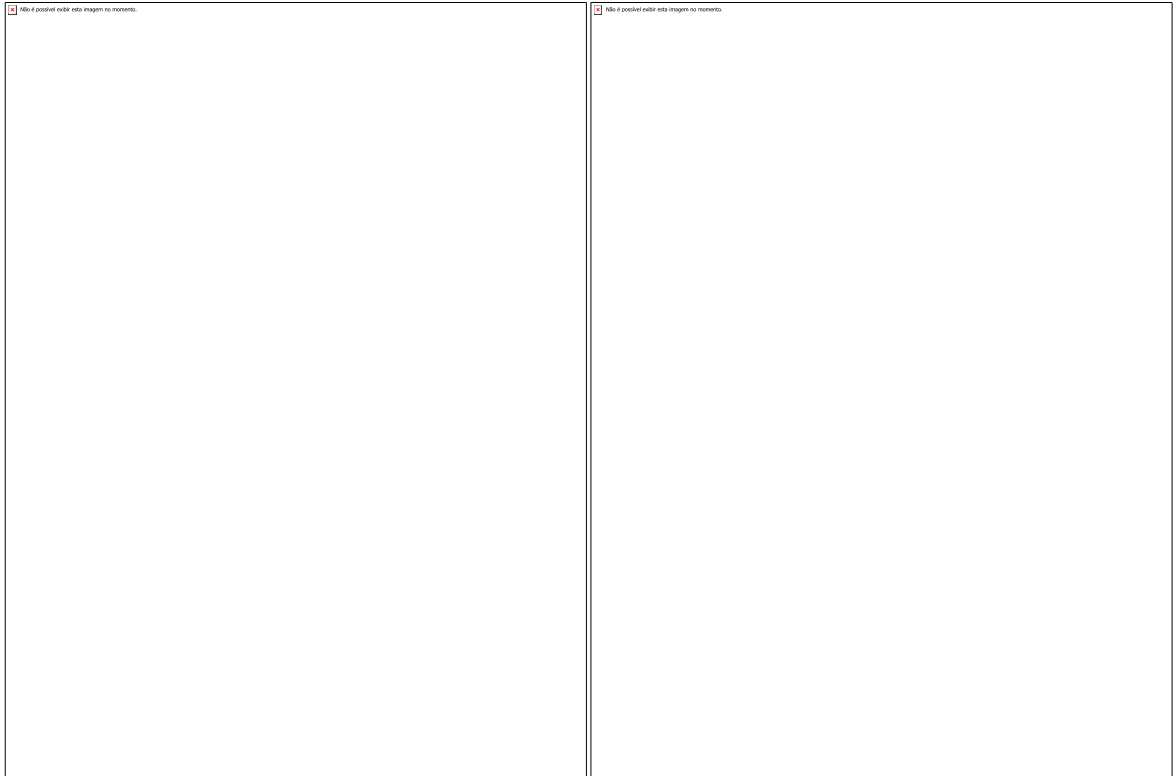
²⁹ BÂ, A. Op., cit., 2010, p. 208-209.

³⁰ PAULA JR. Op., cit., 2014, p. 104-107.

2.A Exposição Itinerante

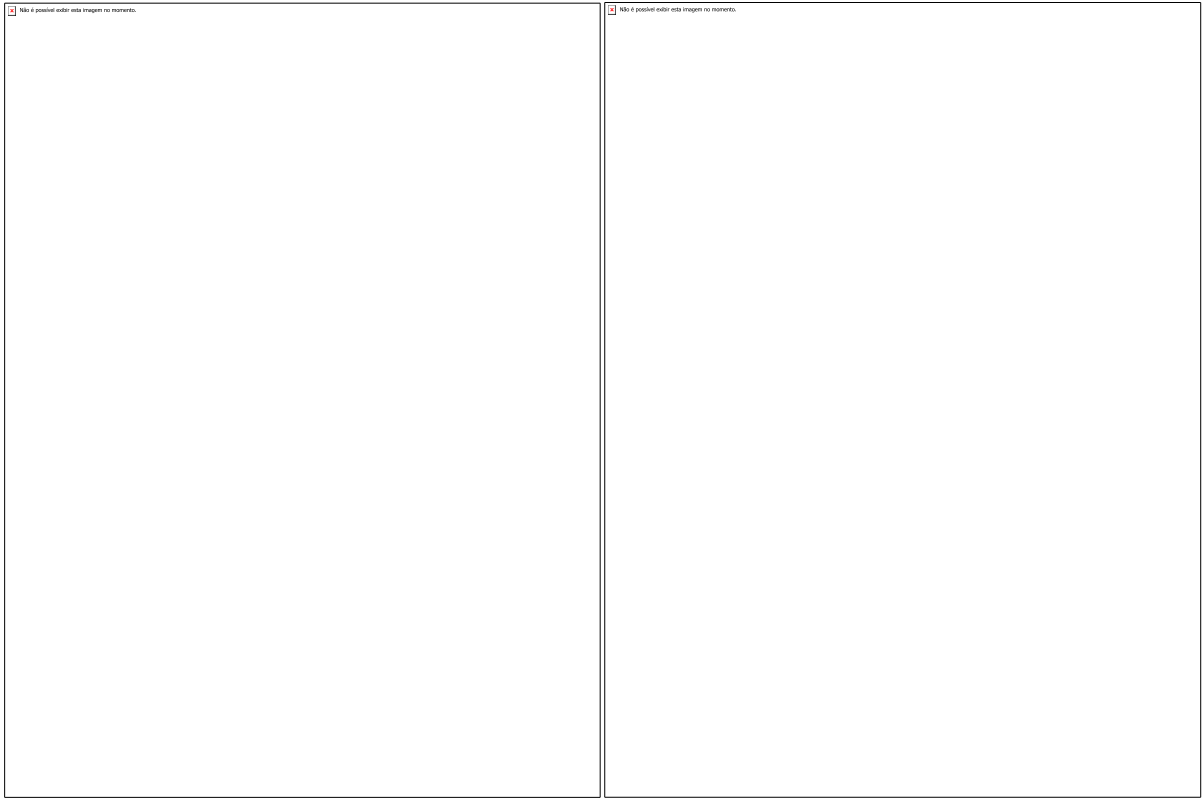
2.1. Bonecas Abayomis contos África Ocidental

Imagem 1: Abayomi personagem do conto “A princesa, o Fogo e a Chuva”



(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

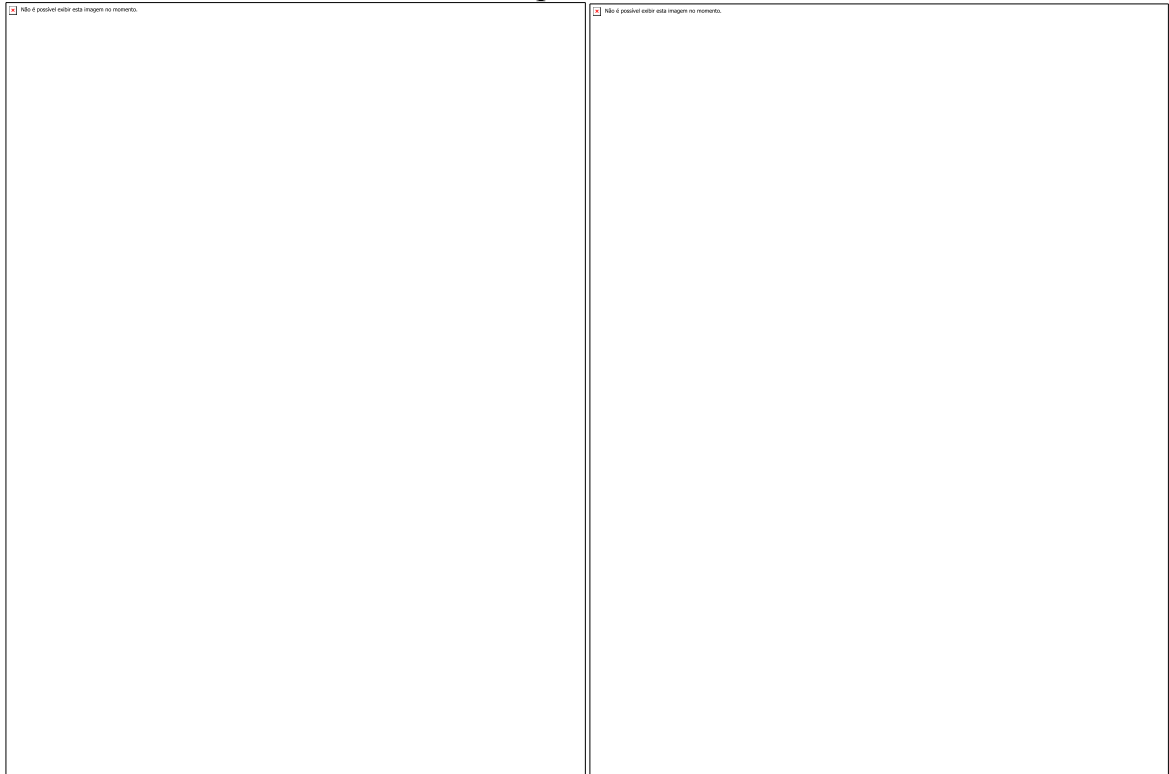
Imagem 2: Abayomi personagem do conto “Como Anansi se transformou em uma aranha”



(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

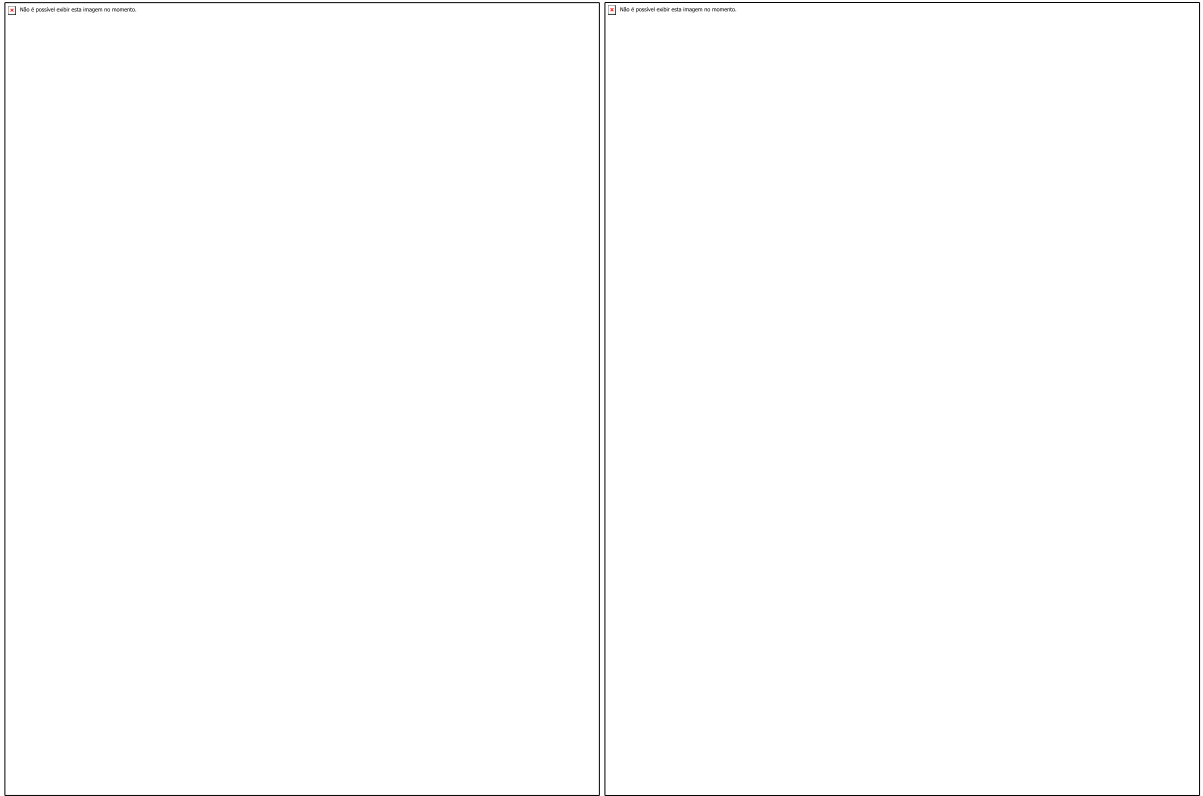
1. Bonecas Abayomis contos de Angola e Moçambique

Imagem 3: Abayomi personagem do conto “A mulher que desejava comer peixe”



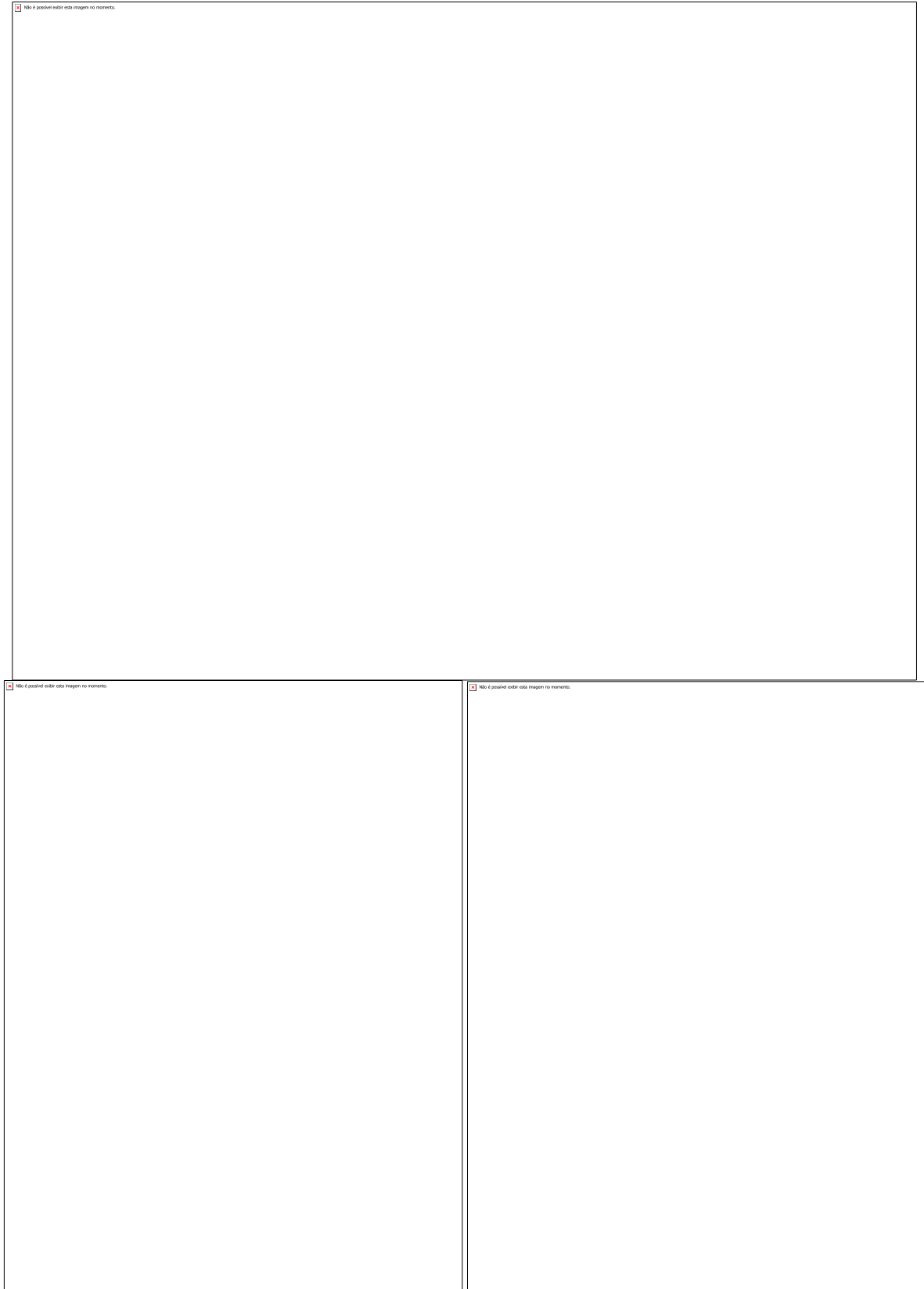
(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

Imagem 4: Personagem do conto “O rato e o Caçador”



(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

Imagem 5: Velhas Akpalô's



(Fotos: acervo pessoal Cynthia Filipino)

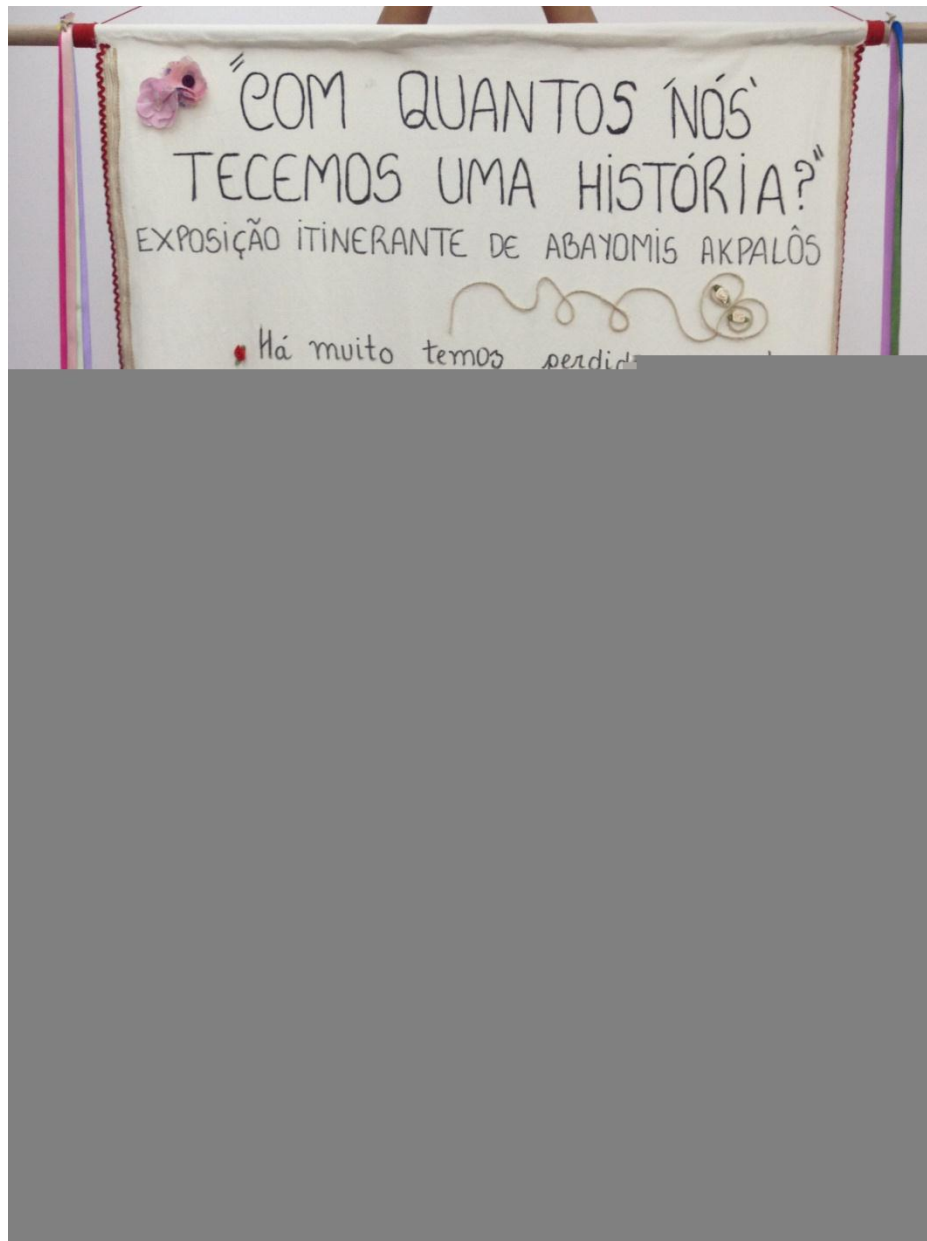
Imagem 6: Velhas Akpalôs nos balanços



(Fotos: acervo pessoal Cynthia Filipino)

2.3. Banner

Imagem 7: Banner para apresentação



(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

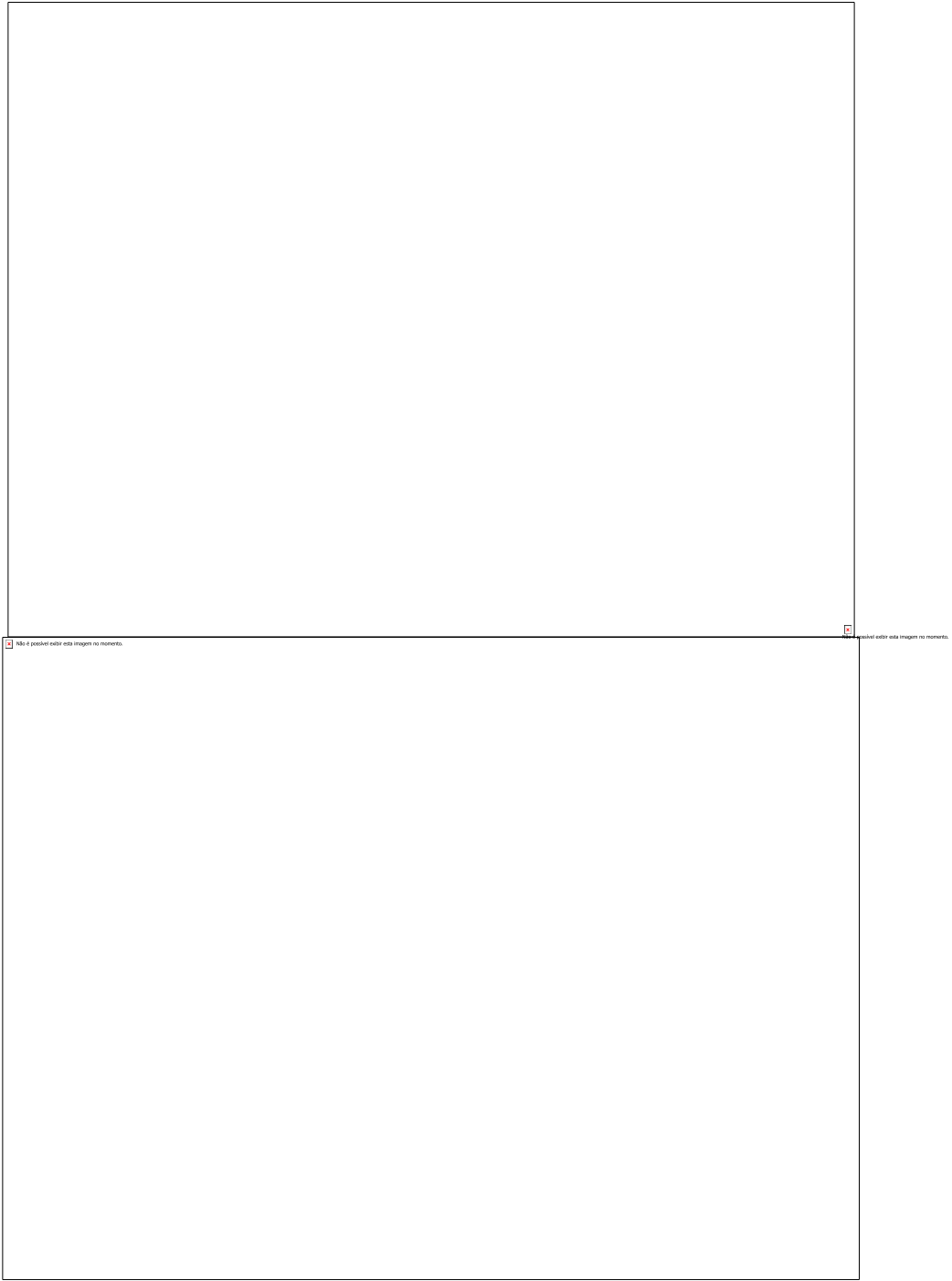
1. Recolhimento de assinaturas

Imagem 8: Recipientes para o recolhimento de assinaturas I



(Fotos: acervo pessoal Cynthia Filipino)

Imagem 9: Recipientes para o recolhimento de assinaturas II



(Fotos: acervo pessoal Cynthia Filipino)

2. Mapa Lúdico

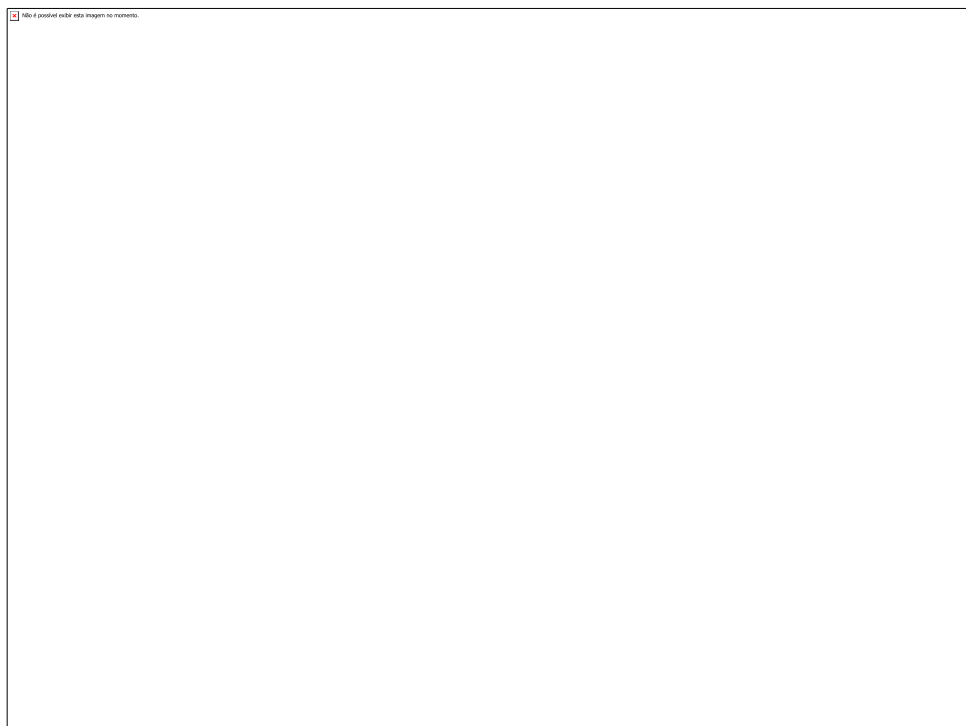
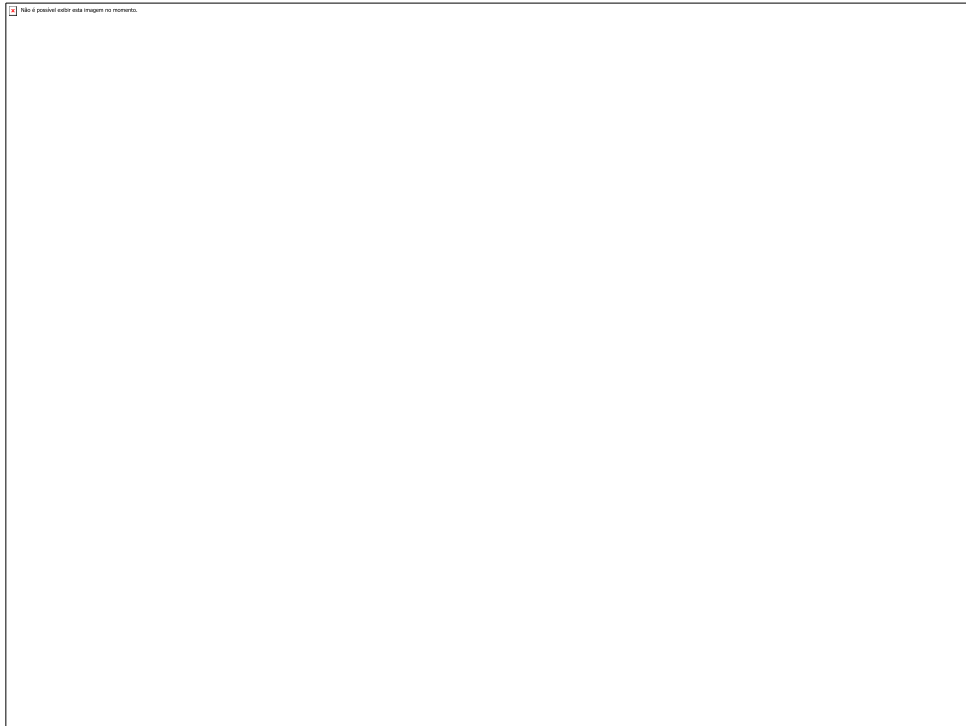
Imagem 10: Mapa lúdico em tecido África-Brasil - XVI-XIX



(Foto: acervo pessoal Cynthia Filipino)

3. Mala viajante

Imagem 11: Mala utilizada para composição das histórias



(Fotos: acervo pessoal Cynthia Filipino)

O CD tem quatro faixas de recontos:

Faixa 1: A Princesa, o Fogo e a Chuva – África ocidental. (Duração: 6’30’’)

Faixa 2: Como Anansi tornou-se uma aranha – África Ocidental. (Duração: 10’24’’)

Faixa 3: A mulher que desejava comer peixe – Angola. (Duração: 9’17’’)

Faixa 4: O rato e o caçador – Moçambique. (Duração: 8’48’’)

Ficha técnica:

Reconto: Cynthia Filipino

Voz e Instrumentos: Lercy Aylce, Ester Cyrino, Elias Cyrino e Geovan Aguiar Assis

1. Transcrição do conteúdo do CD

2.7.1.1. Faixa 1: A Princesa, o Fogo e a Chuva – África ocidental. (Duração: 6’30’’)

[Música de fundo]

Vocês sabiam que em alguns lugares as pessoas gostam de dançar na chuva? Pois é, esta história é antiga e vem de longe, vem de um lugar chamado África e se chama a Princesa o Fogo e a Chuva e eu vou contar para vocês agora.

Havia um rei que tinha uma filha muito bonita. Quanto mais o tempo passava mais bonita ela ficava. Dizia que ela tinha longos cabelos, olhos grandes negros um pescoço alongado. Era a moça mais bonita daquela aldeia e logo a fama da princesa mais bonita do mundo começou a correr todos os povoados da região. Não faltaram pretendentes para querer se casar com a princesa, mas dizem que os dois primeiros a chegar foram o Fogo e Chuva.

[Som de chuva]

Um dia a Chuva chegou de mansinho, escondida, a princesa tava sozinha, sentada no quintal, e perguntou: - Princesa, você aceita se casar comigo? Ah, a princesa viu o quanto a Chuva era importante. Porque é graças a água que ela faz cair que crescem as colheitas nos campos, a grama, que o rebanho pode beber água e nós também. É graças a água que a gente pode se lavar, e é a água que enche os rios, os lagos. Portanto, a Princesa percebeu, como a Chuva era importante e logo aceitou a proposta. – Chuva, eu me caso com você.

No entanto, naquele mesmo dia o fogo foi ver o rei. [Som de fogo] E pediu permissão para se casar com a Princesa. Bom, o rei achou uma boa ideia ne?! Afinal, o Fogo era poderoso. Graças as chamas que a gente consegue espantar os animais perigosos, se aquecer no frio, cozinhar alimentos, e principalmente iluminar noites escuras. Portanto o rei aceitou a proposta. – Fogo, você se casará com minha filha.

Logo quando o Fogo e a Chuva foram embora, a Princesa correu até o pai para contar que tinha aceitado o pedido de casamento da Chuva. Mas quando ela chegou o pai lhe disse: - mas minha filha, eu já dei sua mão ao Fogo, como faremos? [Fala da Princesa] – Ahh, papai eu não quero me casar com o Fogo eu quero me casar com a Chuva e agora?

Pois é, agora eles estavam presos em duas promessas. Bom o rei não queria que sua filha se casasse com alguma coisa que não queria. Mas a Princesa também, não queria desapontar o pai, não queria ir contra a sua promessa. Portanto, o rei pensou numa saída [som de corda]. – Já sei, já sei, vamos fazer uma corrida. Uma corrida entre o Fogo e a Chuva. O vencedor desta corrida, ficará com a mão da Princesa.

Logo a notícia se espalhou pelo povoado, e as pessoas ficaram ansiosas, cheias de expectativa para este dia. Chegando o dia, a pista de corrida, arrumada e organizada, rei e Princesa sentados ao final dela, Fogo e Chuva postos, o rei então fez um sinal com suas mãos anunciando o início da corrida. [Som de tambores]

[Som de cordas] Começou a corrida e logo veio, o Fogo, se alastrando, aproveitando ne, do vento eu tava batendo. E ele vinha, vinha, vinha correndo, todo mundo achou que ele ia ganhar mesmo. Quando de repente escutou um trovão: cabuuuum!!!!E lá veio ela, a Chuva. [Barulho de chuva]. Uma corrente de água caiu bem na frente do Fogo, e apagou o Fogo bem perto da linha de chegada. A Chuva então foi declarada vencedora da corrida. A Princesa fiou tão feliz, mas ela ficou tão feliz que saiu correndo para dançar na Chuva, e todos do povoado fizeram a mesma coisa. É por isso que até hoje, quando a chuva cai, algumas pessoas se põem a dançar debaixo da água. Por que? Porque se lembram do casamento da Princesa.

[Musica de fundo]

2.7.1.2. Faixa 2: Como Anansi tornou-se uma aranha – África Ocidental. (Duração: 10'24")

[Música de fundo]

A história que eu vou contar agora se chama “Como Anancy Tornou-se Uma Aranha”, essa história vêm lá da África Ocidental... Dizem que lá morava um rei que tinha uma cabra muito bonita. A cabra era gorda, tinha chifres enormes e assustadores. O rei amava a cabra mais que tudo nesse mundo, então ele decretou uma ordem, a ordem era a seguinte: a cabra real poderia pastar nos campos que ela quisesse, quantas vezes ela quisesse, o tempo que ela quisesse. Bom, não preciso nem dizer que muita gente não estava satisfeito com esse decreto, mas tinham que respeitar, afinal de contas era o rei.

Naquele mesmo povoado havia um camponês chamado: Anancy. Anancy era famoso por suas trapaças, mas também porque ele tinha belos campos cheio de cereal, cheio de frutas e Anancy tinha muito ciúmes daqueles campos, cuidava como se fosse seu bem mais precioso e era mesmo. Não preciso nem dizer em que campo a cabra resolveu pastar em certa manhã ensolarada, no campo de Anancy. Anancy abriu a porta de casa quando de repente viu ela (Musica de fundo), aquela cabra gorda comendo toda sua plantação, Anancy ficou com uma raiva. De súbito, sem pensar direito, Anancy se abaixou bem devagarinho pegou uma pedra e (estrondo) atirou contra a cabra, a pedra acertou bem no meio da cabeça da cabra que caiu dura no chão. Quando Anancy viu o que ele tinha feito, era a cabra real, ele tinha matado a cabra do rei. Lembra do decreto real que eu falei pra vocês, pois é, morte para quem não deixasse a cabra pastar em seus campos ou atentasse contra sua vida. Bom, Anancy ficou desesperado. Já pensou ser morto porque matou a cabra do rei? Então ele arrastou aquela cabra, saiu arrastando pra fora dos seus campos. Não podia deixar ninguém ver que aquela cabra tinha morrido ali. E ele andou, andou arrastando aquela cabra e chegou num campo que nunca tinha passado, sentou ao pé da árvore e lá ficou a pensar: como iria fazer pra escapar dessa situação terrível? Foi então que de súbito (ruído de queda) caiu uma noz sobre sua cabeça, Anancy pegou a noz comeu – Nossa que noz deliciosa – pensou ele. Dai a um pouquinho (ruído de queda) outra noz caiu sobre a sua cabeça Anancy pegou a noz de novo e comeu. De repente veio uma ideia – Ah já sei! – Pegou a cabra, subiu com ela pra cima da árvore e deixou a cabra morta lá em cima. Então desceu e avistou uma aranha pequenininha passando bem tranquilamente pelo campo. – Oh dona aranha, tudo bem com a senhora? Como a senhora vai? Olha já provou aquela noz ali? Que noz deliciosa daquela árvore, vem cá provar uma. – A aranha foi, chegando lá (Musica de fundo) a aranha foi bem devagarinho subindo pela árvore de noz daquele jeitinho que as aranhas fazem, bem devagarinho construindo a sua teia. Chegando lá em cima a aranha pegou uma noz, provou – Que delícia, que delícia de noz! – e ali resolveu morar. Era isso que Anancy queria.

Então, Anancy saiu rapidamente. Foi até o palácio do rei bateu na porta (som de batidas na porta) o rei recebeu, então ele disse: – Oh majestade trago-lhe uma notícia horrorosa! E o rei disse: – Ah é? Qual é? Me conte? – (Fala de Anancy) – Eu estava passeando pelos campos, quando de repente eu vi uma árvore de noz e uma aranha lá em cima. – O rei falou: – Mas o que é que eu tenho a ver com isso? Uma árvore de noz e uma aranha? O que é que eu tenho a ver com isso? (Fala de Anancy) – Ah o que o senhor tem a ver com isso? É que eu vi uma cabra gorda, com chifres enormes, morta. (Fala do rei) – Que? (Musica de fundo) A minha cabra, morta em cima de uma árvore de noz? (Fala de Anancy) – Sim. Parece que a aranha

matou a cabra e subiu com ela pela suas teias até lá em cima. (Fala do rei) – Não é possível, não é possível! Onde encontro essa aranha? E Anancy então passou as coordenadas onde encontraria a arvore de noz com a aranha e sua cabra morta. Então o rei muito satisfeito com a notícia de Anancy falou: – Anancy, vamos fazer o seguinte, por causa dessa notícia eu vou te dar uma recompensa. Volte depois, volte depois que eu resolver o meu assunto com aranha por que ai irá receber a recompensa real. Anancy ficou todo feliz né, além de ter escapado da culpa de ter matado a cabra real ainda ia ganhar uma recompensa do rei. Anancy não podia estar mais feliz. O rei tristezinho se retirou e foi encontrar com sua mulher e contar o que tinha acontecido, quando o rei contou a história para rainha ela começou a rir – Hahahaha, não, não acredito, não, não acredito que você caiu nessa história. Como você pode cair nessa história? Uma história sem pé nem cabeça, que história ruim, que história mais... Aí nossa, olha eu não sei como um rei pode deixar ser enganado por uma história dessa. Pensa um pouquinho como uma aranha pequenininha vai matar uma cabra e arrastar pelas suas teias pra cima de uma arvore. Ah não estou acreditando. Anancy tá escondendo alguma coisa. Olhe, pode ir atrás que você vai descobrir a verdade. – E foi isso que o rei fez, o rei foi até lá até onde Anancy falou que estava a arvore com a aranha e o seu animal de estimação morto. Chegando lá viu uma aranha tão pequenininha uma aranha com teias tão fraquinhas. Como iria arrastar sua cabra gorda com chifres enormes pra cima de uma arvore? Então ele percebeu que Anancy estava mentindo. Voltou para seu palácio e lá ficou a esperar Anancy que iria buscar a recompensa. Um dia bateu a porta (som de batidas na porta) e o rei disse: – Se for Anancy deixe-o entrar, deixe-o entrar. – E era Anancy, Anancy entrou e falou: – Bom dia majestade. Como vai? Vim pegar a recompensa por ter lhe falado o assassino da sua cabra. – O rei ficou com tanta raiva porque Anancy tinha falado uma mentira tão absurda. O rei não acreditou que depois de tanto tempo Anancy continuava a insistir nessa história. – Foi então que o rei furioso (Barulho de chute) deu um chute na bunda de Anancy que se repartiu em pedacinhos se transformando em aranhas pequenininhas, pequenininhas, pequenininhas (barulho de aranha). Acredite você ou não, maldição ou não. Anancy que era um homem alto, forte, virou varias aranhas pequenininhas. Pois é. E é por isso que contam que nas casas vivem aranhas pequenininhas, esperando que um dia elas possam se unir de novo e virar aquilo que era antes. Por isso vou deixar um conselho pra vocês: Quando vocês estiverem em baixo de uma arvore de noz e uma (ruído de queda) noz cair sobre sua cabeça, olhe, pensem bem porque mentira nunca traz nada de bom.

[Musica de fundo].

2.7.1.3. *Faixa 3: A mulher que desejava comer peixe – Angola. (Duração: 9’17”)*

[Música de fundo]

Essa história que eu vou contar pra vocês se chama “A Mulher Que Desejava Comer Peixe” e vem lá da África de um lugar chamado Angola. Contam que lá havia um casal que já morava há anos na mesma aldeia e viviam em harmonia com toda a comunidade. No entanto um dia a mulher se aborreceu, desejava que desejava comer peixe e não tinha peixe pra comer na sua casa. Então pediu a seu marido pra ir pescar, esse estranhou. Como assim comer peixe? Naquela região ninguém comia peixe. Não, mais ela insistiu, falou que tava com vontade de comer e então ordenou que ele pegasse sua rede e saísse pra pescar.

Como ele não queria deixa-la ainda mais aborrecida fez o que ela tava pedindo. Atravessou todo povoado com sua rede de pesca, sentou a beirada do rio e (barulho da rede caindo na água) jogou sua rede no rio. Mas naquele mesmo momento percebeu algo estranho, umas vozes vindo de dentro do rio, achou que tava meio maluco. Bom, continuou a esperar e nada. Jogou a rede pela segunda vez ao rio ouviu as mesmas vozes, mas não se assustou não, no entanto não pegou nenhum peixe. Não desistindo jogou a rede a terceira vez ao rio e nada, nem um peixe. Voltou pra casa e disse a sua esposa. – Olha, eu não estou conseguindo pescar, nesses rios ninguém pesca. Oh, acho melhor você comer outra coisa, peixe não dá nessa região não. Ah, mas ela não aceitou, não aceito, ficou brava, começou a xingar o marido e falou: – Você vai lá e vai jogar essa rede de novo e vai pescar peixe pra mim! Bom, o marido não queria deixar a esposa ainda mais brava e prometeu que no outro dia iria voltar ao rio para tentar pescar. Foi isso que fez.

No outro dia pegou a rede novamente, foi ao mesmo rio e jogou a rede, mas nada pescou, jogou a rede pela segunda vez nada pescou, mas na terceira tentativa, quando ele jogou a rede ele percebeu que a rede se movimentava. Deu o primeiro puxão na rede e percebeu, ela tava pesada. Então ele começou a puxar aquela rede pra fora do rio, mas escuto uma voz, uma voz vinda de dentro do rio que dizia: – Calma que eu sou velho, calma que eu sou velho. Ele não entendeu nada, continuou a puxar a rede e a voz disse de novo: – Calma que eu sou velho, calma que eu sou velho. O homem ficou sem entender nada e parou, de repente a voz voltou e disse: – Puxe agora, puxe agora, pode puxar. – Então o homem puxou a rede e veio um peixe grande, um peixe enorme, e sozinho pulou pra dentro do cesto do rapaz. O rapaz sem entender nada pegou aquele cesto e foi pra casa todo contente né, sua esposa ia ficar muito feliz.

No entanto quando ele chegou em casa sua mulher pegou o cesto ele escutou uma voz que vinha de dentro do cesto que cantou uma musica parecida com essa: {Musica}– Não me corte, não me corte, ai que dor, ai que dor. Não me corte, não me corte, ai que dor, ai que dor. A

mulher pegou o cesto assustada: – O que que é isso? – Se perguntou. O homem falou: – Olha, eu não sei, tá falando desde o rio essa voz está falando. Esse peixe eu não como não. Ah, mas a mulher estava com tanta vontade de comer peixe, nem se importou com aquilo. Pegou o cesto de peixe, levou pra cozinha e começou a cortar (barulho de corte), e cortou de novo (barulho de corte), e em mais uma parte (barulho de corte). E o peixe ficou todo cortadinho. Depois que ela cortou e temperou todo o peixe ela colocou numa assadeira, ligou o seu fogão e então aquela mesma voz cantou uma outra musiquinha parecida com essa aqui, olha: [Musica] – Não me asse, não me asse, que calor, que calor. Não me asse, não me asse, que calor, que calor. Ah, mas a mulher não ficou com medo da voz não, deixou assano, deixou dourar, o peixe ficou lá no forno mais de uma hora. Então ela tirou o peixe do forno, colocou à mesa.

O marido dela ainda assustado disse: – Eu não acredito que você vai comer esse peixe, eu não tenho coragem de comer esse peixe de jeito nenhum. Ah, mas a moça que desejava comer peixe tava com tanta vontade de comer peixe que sabe o que que ela falou? – É, pois bem. Não vai querer comer não? Como eu sozinha. E começou a comer o peixe, mas na mesma hora que ela começou a mastigar o peixe veio uma voz que cantou uma musiquinha parecida com essa aqui: {Musica} – Vê se morde devagar, devagar, devagar. Vê se morde devagar, devagar, devagar. A moça não se importou não, continuou comendo o peixe, e ela continuou comendo, e ela foi comeno, comeno, comeno, comeno, inchano, inchano, inchano (barulho no estomago) e estufano, estufano, estufano e a barriga foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, foi fazendo uns barulhos esquisitos, esquisitos, esquisitos. E então, quando ela viu ela tinha comido aquele peixe inteirinho sozinha e foi se deitar na rede pra descansar, estava cheia, estava inchada e cansada de tanto comer.

Ela deitou na rede toda tranquila, mas de repente uma voz vindo de dentro da sua barriga. – Como que eu faço pra sair daqui? Ou, ou, como que eu faço pra sair daqui? Ela olhou pra barriga dela e respondeu: – Sei lá. Uai, sai pela boca. (Fala do peixe) – Não, não, não, não, não, não vou sair pelo mesmo lugar que eu entrei não. Então ela disse: – Ah, sai pelo pé. (Fala do peixe) – Não, pelo pé não, depois você me pisa, não vou sair pelo pé não. (Fala da mulher) – Ah então sai pela orelha. (Fala do peixe) – Eu não vou sair pela orelha não. E ela cansada daquele dialogo, então falou: – É, é, então, olha só, escuta o que eu vou te falar, sai por onde você quiser! E de repente (barulho de estouro) a barriga da moça estourou e ela se partiu ao meio. O peixe saiu de dentro da barriga e voltou até o rio sozinho. Acredite se quiser, essa história foi me contada vêm lá de Angola. Se você não gostou, bom, me conte uma outra...

[Música de fundo].

2.7.1.4. *Faixa 4: O rato e o caçador – Moçambique. (Duração: 8'48")*

[Música de Fundo]

Vocês sabiam por que os ratos gostam de ficar tanto dentro das casas das pessoas escondidos nos armários, escondidos pelos cantos? Ah então eu vou contar essa história pra vocês hoje, essa história começou a muito tempo lá na África de um lugar chamado Moçambique. Essa história se chama “O Rato e O Caçador”.

Dizem que antigamente havia um caçador muito preguiçoso, muito preguiçoso, tinha uma preguiça de carregar sua arma e sair caçando correndo atrás dos animais, então ele bolou um plano ele pensou em cavar buracos no chão colocar enormes folhas em cima do buraco tampando o buraco, então quando algum animal passasse sem saber que ali havia um buraco cairia. Ah que fácil! Ele iria lá pegava o animal e levava para sua mulher preparar o jantar. Bom, com essas armadilhas esse homem conseguiu sustentar sua mulher e seus três filhos sendo que um ainda era bem pequenininho. Um dia esse rapaz saiu fazendo suas armadilhas pela floresta quando encontrou um leão, o leão perguntou o que ele tava fazendo por aqueles lados, aquele era território do leão. Então, o rapaz respondeu explicando ao leão que ele estava fazendo armadilhas pra conseguir pegar animais para poder comer a noite, e também toda sua família. O leão não gostou muito não, não gostou muito não. Sabe porque? Como aquele era o seu território, o homem tinha que dar alguma coisa em troca. Poxa como assim? Invade o território do leão, caça os animais, leva pra comer e o leão fica sem nada? Pois é, o leão também era bastante preguiçoso e também estava com preguiça de caçar. Bom, então eles sentaram pra conversar e resolveram que a partir daquele dia toda caça do homem seria repartida com o leão: um dia a caça seria do caçador e o outro dia a caça seria entregue ao leão.

Acordo fechado o homem voltou pra sua casa, no outro dia foi ver o que tinha pegado nas armadilhas que tinha criado e pegou, ah um bicho grande, cheio de carne, uma gazela. Ah que delícia! Bom, mas naquele primeiro dia a gazela seria do caçador conforme combinado. Então, o caçador pegou a gazela levou para sua esposa, a noite todo mundo comeu aquela gazela recheada. Hum...

Bom, no outro dia o caçador resolveu ir visitar sua família, nada falou pra sua esposa simplesmente saiu e foi, por lá ficou conversando se distraiu da hora. A esposa ficou a esperar, seus três filhos lá morrendo de fome e ela também, então, deixou os dois mais velhos brincando no quintal pegou o mais novo de colo e foi a procura do seu marido, precisava ter o que comer. Entrou pela floresta procurou, procurou e não encontrou. Quando de repente

(barulho de queda) ela caiu em uma das armadilhas que seu marido tinha feito e lá ficou presa; gritou: – socorro, socorro – e ela com aquele neném tão pequenininho no colo, presa dentro de uma armadilha no meio da floresta, ninguém ouviu. Ah, mas eis que chega o leão todo satisfeito porque na vez dele ficar com a caça ele já logo pegou duas. Que beleza. Tava só esperando o caçador chegar pra tirar aquelas pessoas de lá de dentro, o leão não conseguia. Então, o homem chegou em casa bem de noite, abriu a porta, não encontrou sua esposa, procurou pela cozinha, procurou pela sala, procurou pelos quartos, procurou no quintal e nada. Bom, perguntou a seus filhos que já estava dormindo: – Cadê a mãe de vocês, onde ela foi? (Fala das crianças) – Oh ela foi atrás de você papai! – Ahh!!! (O pai suspirou) Ele saiu correndo pela floresta a noite desesperado gritando por ela. Quando lá encontrou o leão e a esposa com seu filho mais novo um bebê de colo dentro da armadilha que tinha criado. O leão todo satisfeito – Oh meu amigo é hoje a minha vez aê, tira as minhas presa pro favor dali de dentro. O caçador não sabia o que dizia. – Calma leão, calma, vamos conversar sentados. Foram sentaram e até que o homem começou a falar: – Olhe, é minha esposa, é meu filho que acabou de nascer, por favor, não, amanhã eu caço um outro animal pra você. Ah mais o leão não aceitou não, o leão falou com ele: – Acordo é acordo. E você vai ter que me dar sua família pra comer, tem dia que você come a minha. Tem dia que você come meus amigos, porque que eu não posso agora comer a sua. Acordo é acordo. E aquela discussão foi, foi varando a noite inteira até que de repente um ratinho pequenininho. – E aí qual é meus amigos, como vocês estão? Que discussão é essa, o que que está acontecendo? Então começaram a contar pro rato o que que tinha acontecido. Ah mais o rato logo, logo deu um jeito naquela situação. – Olha só, veja bem, acordo é acordo. O homem tem que honrar com sua palavra. Caçador, ontem você não comeu aquela gazela deliciosa? Então hoje é a vez do leão se saborear pelo seu filho e sua esposa. Acordo é acordo. Vai pra casa, fique tranquilo e amanhã você caça outra coisa. O homem não pode fazer nada, afinal de contas realmente ele tinha firmado esse acordo. Voltou pra casa triste, triste. O rato então falou com o leão: – Mas me explica uma coisa aqui o leão, agora que já está tudo resolvido. Como é que essa mulher caiu ai dentro com essa criança? Que buraco grande! O leão explicou que aquela era uma armadilha feita pelo próprio caçador que era preguiçoso e não tinha vontade de caçar todo dia, sair correndo pra caçar animais. – Ah! – o Rato falou – Que legal! Tem mais dessas por aqui? E o leão falou: – Tem, tem um monte. Quer ver? Eu vou te mostrar. E lá se foram rato e leão procurar outras armadilhas. Avistando uma o rato falou: – Ah me mostra como que é então. Como é que é? Me mostra. E o leão então foi mostrar como é que era (fala do leão) – olha basta pisar aqui que... (barulho de queda). E lá se foi o leão, caiu na armadilha. O rato então

saiu correndo, pegou a esposa do caçador com o bebê de colo, tirou da armadilha e mandou ela pra casa em segurança. A mulher ficou tão feliz que estava salva do perigo que pra retribuir o rato a gentileza que ele fez convidou ele pra entrar. Então, a partir desse dia o rato passou a viver na casa do homem roendo tudo quanto é coisa que existe.

[Música de fundo]

Referências Bibliográficas

Anansi, o velho sábio. Um conto axânti recontado por Kaleki. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

O conto moçambicano: da oralidade a escrita. ROSÁRIO, Maria Luisa Lourenço do. Org. Rio de Janeiro: Te Corá, 1994.

BÂ, A. Hampatê. A tradição viva. IN: *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. KI-ZERBO, Joseph. Org. 2ªed. Brasília: Unesco, 2010. P. 181-218.

BARBOSA, Rogério Andrade. *O segredo das tranças e outras histórias africanas*. São Paulo: Scipione, 2007.

BUSSOLETTI, Denise M. e PINHEIRO, Cristiano Guedes. *Educação e Resistência na Prática das Narrativas Populares: A Tradição Griô*. IX Anped Sul. Seminário de pesquisa em educação da região sul. 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Cultura_e_Relacoes_Etnico_Raciais/Trabalho/06_36_40_2377-6880-1-PB.pdf>

CASTANHA, Marilda. *Agbalá: um lugar-continente*. Belo Horizonte: Formato, s/d.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NUNES, Susana Dolores Machado. *A Milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano*. Universidade do Porto. Porto. 1ª ed. 2009.

PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. *Audiolivro: inovações tecnológicas, tendência e inovação*. XV Seminário Nacional de bibliotecas Universitárias. São Paulo: Cruesp, s/d

PAULA JR, Antônio Filogenio de. *Educação e oralidade no oeste africano pela representação de Amadou Hampaté Bâ*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2014.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Peter Burke (org). São Paulo: Unesp, 1992.

SEIDL, Surian. *Entre a voz e a letra... O espaço do encantamento*. Revista África e africanidades. Ano IV, nº 14/15, agosto/novembro, 2011.

SILVA, Sonia Maria da. *Experiência Abayomi: coletivo, ancestralidade, femininos, artesanando empoderamentos*. V Enecult - Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 maio, 2009. UFBA, Salvador. 2009.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Josiley Francisco de. *Do encanto ao encontro de vozes afro-brasileiras na tradição oral*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 143-160. 2º sem. 2010

Sites:

Disponível em: <<http://www.bonecasabayomi.com.br/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016, às 10:09 hrs.

Disponível em: <<http://ricardoriso.blogspot.com.br/2007/10/eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em-poucas-trs.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2016, às 10:55 hrs.

Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/noticias/detalhe-noticia/2015/09/28/projeto-akpal%C3%B4-o-museu-afro-brasil-em-parelhinhos>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2017, às 07:46 hrs.

Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/#gs.x5OcCM4>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016, às 22:31hrs.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JwEX7yDrPbM&feature=share>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016, às 13:32 hrs.

Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/erikavecci1/apoio-a-pratica-pedagogica-contos-africanos>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016, às 16:21 hrs.

Anexos

Anexo 1: PORTFÓLIO I

Cynthia Filipino³¹

“A chuva bate a pele de um leopardo, mas não tira suas manchas”.

Provérbio africano

Eu, Cynthia, enquanto ser social, quando penso em História da África me sinto desconfortável: não a vi na escola básica, não a vi nas novelas, não a vi no jornal, não a vi nos guias de viagens, não vi nas historinhas que li. Quando eu era pequena não conversaram comigo sobre minha cor, meu cabelo, minha classe social. Me lembro que não tinha muita coisa em casa e lembro de meus pais trabalharem muito para me garantir o sustento, lembro de não ter muitos bens, morar de aluguel, pai cozinheiro, mãe dona de casa, estudar em escola pública, não viajar no feriado, nunca encher o carrinho na compra do mês, do cheiro do alisante HairLife.

Aliás se tem uma coisa que me lembro bem é de ter que alisar o cabelo (coisa que até hoje não me curei), secar com secador e depois passar ‘piastra’. Minha mãe sempre falava comigo que meu cabelo era duro e que eu precisava alisar pois ficava mais bonito. Minha mãe

31 Pós-graduanda do curso de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora.

alisava desde os 6 anos de idade, e talvez por isso eu tenha começado cedo também. Me lembro da zuação na escola: “- Professora, o cabelo da Cynthia ‘tá’ me atrapalhando de ver o quadro! Ela tem que sentar na última carteira...HAHAHAHA” Me lembro do piolho, que o pente fino não conseguia entrar para arrancar as lêndeas, e do shampoo mata piolho que ressecava muito o cabelo. Meu cabelo não era bonito, eu me sentia mal com aquele cabelo.

Eu lembro de crescer e na adolescência ter muito problema com autoestima. Era magra demais, cabelo crespo curto e alisado (e ainda sim não era liso), olhos grandes, muitas manchas na cara, que vieram logo após minha primeira menstruação. Esse perfil, acabou por me proporcionar alguns apelidos: Vassoura Piaçava, Olivia Palito, Bambu Vestido, mas o que mais me incomodava era Etiópia. Esse último me desolava. Naquela época eu nem sabia o que era isso, fui descobrir anos mais tarde que se tratava de um lugar na África. Sem internet, sem encontrar muitos livros sobre o assunto, já no ensino médio em 2005 encontrei algumas respostas para tal apelido em um livro de geografia: era um país pobre, cheio de doenças, que ficava na África. Era o que descrevia o pequeno trecho. Tentei ser roqueira, virei fã de Avril Lavigne, Guns, Nirvana, Beatles, Pitty, entre outros. Me vestia de preto, fazia o calor que fosse. E me maquiava com muito lápis de olho e sombra preta. Mas sofri com comentários tipo, “- Roqueira combina mais com pessoas de pele branca”. E me constatei que era verdade: meus grandes ídolos eram brancos.

Meu ensino médio foi pior do que o ensino fundamental. Estudei no E.E. Delfim Moreira os três anos. Tive amigos, claro! Mas uma coisa não tive: autoestima. Além de feia era pobre. Não me sentia capaz de fazer muitas coisas e sabia que precisava correr muito atrás. Com muito esforço conseguia dois vales transporte por dia. Meu pai ia a pé trabalhar para poder me dar as passagens de ônibus. Mas em escola pública o que mais vemos são pessoas nas mesmas condições que a gente. Nestes três anos meus pais me deram o luxo (diferente de outros amigos) de apenas estudar para passar no vestibular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Não precisei trabalhar e ainda consegui uma bolsa 100% no Curso Conexão para Pré Vestibular. Esta oportunidade de estudar me garantiu não só boas notas no colégio como me garantiu o primeiro lugar no grupo das cotas de escola pública no curso de História. Mas uma coisa me intrigou: minha nota foi 99,89 em 180 pontos, o primeiro lugar do Grupo B fui eu. Mas o Primeiro lugar do Grupo C fez uma nota por volta dos 168 pontos. Isso tem uns 8 anos e me lembro bem até hoje meu espanto, a diferença das notas para os dois primeiros lugares foi intrigante.

Eu confesso que quando entrei na Universidade mal sabia o que fazia um Historiador. Entrei porque amava as aulas de História e amava todos os professores que me deram aula

desde o ensino básico, eram meus preferidos. Eram minha inspiração. Meu objetivo em fazer a faculdade de história era ser professora, pois já na escola eu era a “professora particular” dos meus colegas, meu caderno era o xerox da turma, eu tinha coleção de livro didático de história e sempre gostei muito de ler. Foi assim que tomei meu rumo na escolha profissional.

Eu, Cynthia, enquanto graduada em História quando penso em História da África me sinto ainda mais desconfortável: não tive nenhuma uma disciplina voltada para história da África em um curso de História de uma Universidade pública no Brasil, para ser mais precisa, em Juiz de Fora no estado de Minas Gerais. (Apenas quando já tinha acabado minha grade e o curso finalizado que fiz uma matéria de História da África com uma professora não africanista e que foi designada para tal disciplina às pressas). Durante a graduação vi a história do negro do Brasil ainda mais superficialmente que no ensino básico e muitos professores eram doutores em Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil Contemporâneo, mas nenhum falava do Negro ou do Índio. A preocupação era os inventários dos senhores, quantos escravos morriam, quantos nasciam, quantos trabalhavam naquela fazenda, o que parecia mais uma história do Branco que do Negro.

Quando entrei na UFJF, em 2009, consegui a bolsa do apoio estudantil e ganhava 200 reais por mês, almoço e janta no R.U. e vale transporte ida e volta para casa. Em troca disso tudo 12 horas semanais de trabalho na biblioteca Universitária. Para mim era mais que bom. Depois de um ano na biblioteca fui transferida para o Arquivo Intermediário da Universidade onde fiquei mais um ano e depois consegui uma bolsa de iniciação científica na área de História Cultural. O projeto de pesquisa se chamava “*O fator religioso na construção de uma identidade Ibero Americana*” sob orientação da Dr. Beatriz Helena Domingues. O projeto me causou um alvoroço na alma: eu estava completamente apaixonada pela História da América! Fiquei dois anos na bolsa, mas esses dois anos não foram tão apaixonantes assim.

Minha turma no primeiro período passou por um episódio desconfortante quando cinco colegas foram acusados de preconceito por uma aluna negra. Joana, era uma aluna negra que depôs contra os colegas de classe ao declarar que tinha sido questionada de estar na Universidade e ainda agredida por uma sapatada por um dos colegas. Me lembro que levei um susto quando vi no jornal a matéria e me lembro do alvoroço que foram os dias de aula após esse período. Os dias que se seguiram foram de palestras, debates, encontros para discutir o ocorrido, mas a sensação que ficou foi a de que a Universidade não deu conta de responder essa grande questão.

No terceiro período já estava totalmente desconfortável dentro da Universidade. Não me sentia como pensei que fosse me sentir: eu estava incomodada. Meus colegas eram em sua

maioria classe alta, brancos e despreocupados com problemas sociais. Não vi muita dedicação a graduação por parte dos alunos e professores. Não vi um incentivo pela carreira de professor, que era meu sonho, ao contrário, muitas vezes tive a sensação que no fundo, estávamos sendo desmotivados a profissão de professor de história nas escolas. A faculdade que era considerada pela minha família um grau alto de estudo, onde muitos nem se quer chegaram no ensino médio, para todos ali era uma coisa normal, uma coisa facilmente alcançável. Simples. Na verdade, seria injustiça dizer que essa sensação foi com o curso de História, pois não foi. Foi com a Universidade por inteira.

Me sentia perdida, sendo a biblioteca e posteriormente o arquivo os momentos mais legais que passava na faculdade. Percebi que algo estava errado comigo: eu quis largar os estudos. Minha família, amigos próximos, e principalmente a Elisabeth e a Wilma do apoio estudantil não me deixaram. Recebi um imenso apoio motivacional e insisti mais um pouco naquele curso. Dei mais uma chance para mim.

No quarto período me inscrevi em um tópico extra curricular de História Cultural onde estudamos o Renascimento na Itália e professor Doutor efetivo que ministrava a disciplina disse que a América não existia, nada tinha de bom para se falar sobre ela e que na verdade a história da América existe através da História Europeia. Logo mais, em outra disciplina, questionei a professora doutora efetiva porque os textos da sua disciplina estavam em francês e espanhol, pois eu não sabia ler outra língua. A atitude dela foi retrucar dizendo que entrar em uma universidade para cursar História sem ter no mínimo espanhol como segunda língua era um absurdo. Manteve os textos. Pelo menos deu uma solução: indicou o curso de línguas da Faculdade de letras. E foi assim que me inscrevi no curso de francês curricular e acabei bolsista de monitoria do francês básico do curso de letras uns anos depois.

Procurei ajuda psicológica no CPA – Centro de Psicologia Aplicada – da UFJF em março de 2011, por orientação do Apoio Estudantil. A temática da minha sessão era: a graduação. Até então não entendia o que estava acontecendo. Algumas pessoas chegaram a falar comigo que se eu estava insatisfeita com o curso que era para eu sair e fazer outra coisa, mas eu não conseguia fazer isso. Fiquei na terapia até o final da faculdade quando eu mesma abandonei o tratamento por achar que era a hora, afinal tinha acabado o que estava acabando comigo. E foi então, no término da minha graduação que consegui me nortear no que estava acontecendo. Não aproveitei muito a faculdade por não me achar pertencente aquele lugar. E decidi que meus últimos meses de TCC seriam melhor aproveitados.

Busquei os textos e aulas que me levantaram poeira e me deixaram desejando saber mais: era América: Todorov; Gruzinski; Frederic Turner; Carmen Bernard entre tantos outros.

Eu queria estudar a América antes de Colombo, ou o sincretismo que veio depois. Queria estudar uma cultura de alguma etnia do Brasil. Mas qual? Mas o que? Quando? Onde? Quem? Eu me dei conta que não sabia de absolutamente nada!!! Mas insisti. Procurei vários professores que me negaram orientação por alegarem não saber nada. Recebi em contrapartida algumas propostas de TCC com temas quase prontos. Não quis. Tentei, corri atrás, me desesperei. Acabei pesquisando os alemães em Juiz de Fora e falando da questão do Marco do Centenário Alemão no bairro Borboleta e sua proposta de tombamento junto a Dipac – Divisão de Patrimônio Cultural de Juiz de Fora, setor ligado a Funalfa, onde nessa época estagiava.

Trabalhar com Patrimônio me abriu caminhos. Consegui ter acesso a uma Cultura que não estava sendo ensinada nem na escola, nem na Universidade. Foi ai que comecei a me inteirar de assuntos como bens imateriais e como Minas Gerais tinha uma riqueza incrível que vinha dos negros e indígenas. Voltei de novo a me reconhecer como analfabeta da cultura popular e de etnias que compunham minha história, ou a história do Estado e do país que habitava.

Formada e sem conseguir vaga na rede pública e particular de ensino na minha cidade e nem em cidade vizinha comecei a procurar outras opções de emprego. Tentei mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora e fui reprovada na entrevista. Foi quando veio a oportunidade de trabalhar no Sesc. Aprovada no Processo Seletivo do Sesc, para o setor biblioteca, devido meus conhecimentos e experiências adquiridas na Bolsa do apoio estudantil quando trabalhei na biblioteca da Universidade, comecei a trabalhar em 2014 onde estou até hoje atuando como Assistente de Biblioteca e desenvolvendo trabalhos sociais na área de educação, cultura e assistência. Mas não parei de estudar. Fiz um curso de aperfeiçoamento pelo Caed/UFMG de “*Ensino de Jovens e Adultos na Diversidade*” com duração de 180 horas. Depois me vi na oportunidade de iniciar minha pós-graduação em “*Cultura e História dos Povos Indígenas*” oferecida pelo Cead da UFJF. O curso sacudiu minha vida, abalou meus conhecimentos, me fez feliz e triste e me fez descobrir como ainda estamos longe de uma educação para todos.

Com professores da Universidade de Minas Gerais e outras do Brasil, mas nenhum de História da Universidade de Juiz de Fora, o curso teve como responsável um professor doutor efetivo do departamento de biologia da UFJF. A vivência de Ailton Krenak como convidado em todos os encontros abriu ainda mais meu conhecimento e minha perspectiva de estudo. E constatei: somos ignorantes no assunto das histórias das etnias originárias do nosso continente. Meu TCC orientado pelo professor doutor em biologia da Universidade, Gustavo

Soldati, que no curso ministrou a disciplina “etnobiologia” que *uau*, foi sensacional! O tema do meu trabalho foi sobre a ressignificação da etnia Puri na região de Diamantina intitulado “*A Acayaca Sagrada: a questão da alteridade na colonização do Arraial do Tejuco no XVIII*”. Aprendi muito. E ainda falta tanto...

Essa pós-graduação além de muitos conhecimentos e experiências me trouxe muitas outras questões: por que não aprendi isso na escola? E no ensino superior? Por que a TV não fala? Por que nas bibliotecas não tem ou tem poucos livros sobre isso? Por que estamos calados? Por que fomos calados? Por que se calam em relação a essas culturas? Que política é essa? Que Educação é essa? Que país é esse? Quem sou eu? Quem são eles? Quem somos nós?

Terminada a especialização vi o edital de processo seletivo para a pós em História da África. Imediatamente quis fazer o curso. Procuo além de conhecimentos para ser uma boa professora ou historiadora, respostas para minhas inquietações desde pequena. Todas estas mais ou menos descritas aqui. Todas estas que me atormentaram. Com meus três cursos posteriores a graduação, descobri que a Universidade é minha, é nossa! Que o ensino superior é o carro chefe das educações básicas e fundamentais. Sem ele mudar, se adaptar e se refazer, não conseguiremos mudar a escola, a sociedade.

Esse negócio de sair da faculdade sem saber como dar aula, como ensinar História da África e indígena, totalmente despreparado para lidar com a diversidade em sua totalidade, não é nossa culpa, mas é porque a Universidade não está dando conta disso. A culpa só é nossa a partir do momento que não a questionamos.

Minha expectativa com curso de História da África é grande. Assim como a especialização em História Indígena esse curso vem me trazer um sentimento que perdi durante a graduação: Esperança. Faço das palavras de Krenak minhas: “– Eles estão dormindo, achando que nossa revolução vai ser armada. Enganam-se. Ela está sendo agora. E é aqui, na educação.”

Anexo 2: PORTFÓLIO II

Cynthia Filipino³²

“O vento não quebra uma árvore que se dobra”

Provérbio africano

Não tenho muita experiência de trabalho, pois passei a maior parte da minha vida apenas estudando. A escola e depois a faculdade me trouxeram muitas experiências. Não aprendemos na escola coisas práticas, não vemos nossa história sendo contada, nossos problemas serem discutidos, muitas vezes eu perdi até minha inspiração numa aula de algum professor. Era incrível a sensação de que muita coisa do que se falava parecia não me atingir, não me tocar e me causava tédio.

O lugar onde passamos grande parte de nossas vidas, não nos fala muita coisa sobre o sentido da nossa vida. Acabamos que convivemos na escola ou na faculdade muito tempo com os mesmos professores, há muitas brigas internas e muita competição. A *emoção* não é levada em conta em nenhum ambiente educacional que vivenciei. Minha experiência não era

³² Estudante do curso de Pós-graduação em História da África pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trabalho entregue para compor a 2ª parte do Portfólio.

ouvida. Minhas tradições não eram conhecidas e fui muitas vezes abafada. Na verdade, a escola e a Universidade foram mais um lugar de me calar, me esconder e me autovigiar. Eu ficava amedrontada com dicotomia do certo/errado, pode/não pode, obrigatório/facultativo. Apesar de chamar “Universidade” nosso universo é bem limitado. Sempre desconfiei muito da escola e fiquei ainda mais desconfiada da Universidade.

Na escola e na faculdade a capacidade de autoconhecimento é bloqueada muitas vezes pelo processo de ensino-aprendizagem seguido pelas instituições educacionais. Pois na verdade, a relação do “eu” com o “outro” vai além de frequentar o mesmo ambiente, é uma tarefa difícil que necessita de uma prática de convivência, diálogo e respeito mútuo. No meu caso, consegui começar a praticar o meu autoconhecimento mais profundamente quando tive minha primeira experiência profissional: na biblioteca universitária da Universidade Federal de Juiz de Fora, aos 20 anos de idade.

A maioria dos alunos que iriam pegar livros emprestados, liam por obrigação. Nas férias de janeiro e julho era raro um aluno aparecer na universidade atrás de um livro que fosse acadêmico específico do curso que faziam, imagina então um livro para leitura para ampliar a mente, para sonhar, para se sensibilizar ou mesmo para conhecer um outro campo e assunto. Nem mesmo os alunos da Letras iriam a Universidade nas férias. Na verdade, o xerox nos departamentos contribuíram muito também para o não acesso a biblioteca, pois os capítulos já estavam à disposição do estudante. Ele não precisa se dar ao trabalho de procurar o livro na estante e carregar um trambolho pesado para a casa.

Quando comecei a me dar conta que lemos a bibliografia obrigatória e nunca a sugerida, quando não temos a cultura de ir até a estante de uma biblioteca procurar um livro e quem sabe encontrar outro do mesmo tema ao lado e que pode ser interessante também, e que as discussões se limitavam aos seminários avaliativos, que mais pareciam decorebas de trecho do livro que uma discussão profunda e sensível do mundo, associei a uma semelhança metodológica da escola secundária com o ensino superior, onde o livro didático já está lá, pronto, bem dentro da nossa mochila. E o professor não quer nem saber o que aquele texto significou para você, mas se você leu e “decorou”. Comentar é importante, porque só tem nota para quem comenta. “- Comenta qualquer coisa, mas comenta”, me alertavam as colegas de curso. A obrigação de falar algo não é uma sensação muito agradável, é intimidadora, ameaçadora. Eu não acredito neste tipo de “aprendizagem de ameaça”, não me sentia desenvolvendo intelectualmente.

Com as aulas das disciplinas de pedagogia na graduação, tive a oportunidade de visitar uma escola orientada pela pedagogia Waldir em Juiz de Fora. A professora que ministrou a

disciplina propôs uma primeira visita a qualquer escola da cidade para observarmos a prática pedagógica da escola e do professor que iríamos acompanhar. Como eu estava lendo sobre esse pedagogia decidi que iria aproveitar a oportunidade que me foi dada. A escola me encantou: a proximidade do aluno com o professor, da relação de cada aluno com sua classe, com os colegas, a questão da higiene, alimentação, fabricação do próprio material didático e brinquedos, a horta, a salinha aconchegante, a questão do ensino musical, a forma como é vivida o recreio, etc. E percebi que era uma prática diferente das que tinha visto e me senti tocada.

Não posso falar profundamente sobre essa escola que visitei poucas vezes, mas percebi que a sensibilidade está presente no método de ensino praticado. Diferente das escolas que presenciei como aluna dos anos iniciais a graduação. Acredito que se um dia eu conseguir ser professora, independente da escola, minha meta é tentar ouvir mais o aluno, me aproximar da sua linguagem, me sensibilizar com sua história. Nunca concordei com a frase que diz “Em casa se educa, na escola se aprende conteúdo”, a escola pode e deve ser mais que isso. Não é ainda, mas é possível que possa ser um dia. Uma vez na aula de didática II na graduação, eu coloquei esse meu ponto de vista, e um colega de classe que, nesta época já exercia a função de monitor de história do colégio Apogeu em Juiz de Fora, me interrompeu falando com a professora “- Fulana, volta a dar aula porque a Cynthia está viajando.” A professora continuou discutindo o texto que propôs para a semana e a aula seguiu como se eu não tivesse falado nada.

No período do estágio obrigatório da graduação foquei minhas anotações nas atitudes do professor que eu acompanhava. Ele era um professor muitas vezes incompreendido e criticado. Tinha uma postura diferente ao lidar com os alunos. Não me esqueço de um episódio em que um aluno daqueles que todo mundo denomina “o pior”, que cursava o sexto ano do fundamental, discutiu com ele. Ao invés de colocá-lo para fora, colocá-lo de castigo, ou chamar a diretora e coordenadora, ele conversou com o menino dentro da sala de aula e foi tão tranquilo, os dois se desculparam no final, um com o outro. O professor depois veio conversar comigo e me falou que “geralmente os alunos mais pívetes são os que mais precisam de cuidado, atenção e carinho”.

Me baseando nas experiências que tive dentro da sala de aula, com estágios enquanto profissional e das vivências como aluna, percebi que é fundamental o professor ter essa dimensão sensível em relação ao aluno. Muitas vezes o professor se sente incompreendido, como se tivesse falando com as paredes, humilhado pelos alunos e pela escola, pelo governo e

pela sociedade, mas não se dá conta que o aluno se sente da mesma forma, incompreendido e humilhado.

Essa situação se agrava quando na escola e na faculdade o conteúdo de história é altamente racista e etnocêntrico. Até chegar a pós-graduação não conseguia enxergar o racismo oculto nas músicas, nas obras de arte, nas novelas, programas de TV, desenhos, piadas, livros, materiais didáticos, relações de trabalho e acadêmicas. A própria escola ajudou a perpetuar essa visão. Para mim racismo era uma coisa explícita, você xingar o outro de “macaco”, falar que não gosta de “preto”, e etc. Não entendia a totalidade do alcance que o preconceito podia estar embutido e camuflado. Na minha opinião isso é um fracasso da escola, tanto porque há a falta do conteúdo de história da África e indígena quanto porque falta o diálogo com o aluno em relação a sua própria condição social. Porque a obrigatoriedade do conteúdo de história negra e indígena desde 2008 já pressupõe a falta de interesse não somente do governo, mas da escola e profissionais da educação em relação a esses conteúdos.

A função do professor durante muito tempo e até hoje muita gente acredita, quando fala que ‘a educação vem de casa e não da escola’, que é meramente conteudista, e essa característica não auxilia em nada o aluno na construção do seu ser social, na sua experiência de mundo. Partindo deste ponto, percebi que nem o bibliotecário e o professor responsável pela biblioteca na escola tampouco estão habilitados para essa função de uma educação, que seja capaz de fazer o aluno construir a visão de si e do mundo. A biblioteca é um espaço em potencial para problematizar muitas questões entre os alunos por exemplo. Incentivá-los a ler. Na minha vida escolar e acadêmica nenhum professor explorou esse espaço, que também sofre de uma visão racista, machista e etnocêntrica, basta avaliar os livros que encontramos nas bibliotecas públicas ou privadas, seja das escolas ou das faculdades. Se eu fui na biblioteca da minha escola dez vezes com a professora ao longo de todo ensino fundamental e médio foi muito. E eu estou falando de uma época em que as pesquisas não eram feitas no computador, mas na biblioteca, consultando as enciclopédias, jornais e revistas que as bibliotecas costumavam ter. Imagina em um mundo informatizado, qual seria então a função de uma biblioteca escolar nos dias atuais?

Na biblioteca do Sesc onde trabalho, muitos pais dos alunos do projeto contra turno com crianças carentes, não entram na biblioteca com seus filhos e netos quando os mesmos vêm pegar livros. Eles ficam da porta e basta um convite para entrar no acervo, que eles gaguejam e demonstram receio pois não se sentem pertencentes a esse local. Muitos responsáveis pelas crianças vem a biblioteca brigar comigo porque estou emprestando livros

para as crianças que não sabem ler. Mas a ideia é incentivá-las, quem sabe alguém possa ler para elas? Outros vem brigar comigo dizendo que se a criança estragar eles não vão pagar nada! Eu já logo falo que depois resolverei com a criança que estragar ou não devolver o livro a melhor forma de resolvermos o problema. Até hoje, em dois anos, tive mais atrasos na devolução de livros dos adultos. A maioria das crianças devolve ou se justificam porque perderam, atrasaram ou estragaram. Assim, naturalmente, em um diálogo entre eu e elas. O fato de uma criança entrar na biblioteca e escolher um livro, para mim já está valendo. Já demos um passo.

Caso eu consiga ser professora um dia, ou mesmo continue na área que estou hoje, pretendo dar sequência neste caminho do diálogo, da proximidade, do carinho e do respeito em relação ao aluno. Tenho para mim que a escola regular, nos moldes do MEC já não me atendem, não me respondem e nem me representam. Caso um dia eu consiga entrar neste sistema como professora, espero de verdade não esquecer que podemos mudar as coisas, mesmo estando inseridos nelas. Não estou querendo parecer uma pessoa cheia de utopias, que fala sem ter uma experiência e acha que quando conseguir dar aula vai conseguir realizar tudo aquilo que diz. Longe de mim parecer um desses acadêmicos que nos enchem de teorias e nunca vivenciaram aquilo que ensinam. Mas com minha pouca experiência vejo que a educação está falhando em múltiplos aspectos e não precisamos concordar com ela para garantir nossos empregos de professores de escolas regulares.

Anexo 3: PORTFÓLIO III

Cynthia Filipino³³

“A força do crocodilo é a água”

Provérbio Ronga

Esse momento III do portfólio é um duplo desafio para mim: primeiro, porque é para propor uma ação sócio educativa na área escolar e isto pressupõe uma prática pedagógica que hoje, tenho

³³ Pós-graduanda do curso de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora.

apenas no currículo de licenciatura em História. Segundo, porque trabalhar com temas de história da África, afro-brasileira e discutir sobre o racismo em uma escola, exige grande responsabilidade para que não se torne um trabalho pontual, datado, distante, fechado e passageiro. O desafio maior é justamente saber levar isso para a escola de maneira significativa e abrangente.

Na biblioteca do Sesc desenvolvo principalmente atividades de fomento a leitura com crianças e idosos ligados a projetos socioculturais, e que fazem parte dos grupos baixa renda que o Sesc recebe diariamente em seus projetos. Com as crianças que estudam no contra turno (PHE) são atividades de contação de história; com os idosos, um grupo de leitura. Estas atividades ocorrem semanalmente dentro do espaço biblioteca. Desde que iniciei a pós comecei a repensá-las e reprojeta-las de modo a poder aplicar toda a aprendizagem da especialização na minha vida profissional.

Como já foi falado, na biblioteca do Sesc não temos nem 1% de livros de qualquer faixa etária com temas africanos. Mas passei a perceber com o curso que, apesar de sintoma comum de várias bibliotecas pelo Brasil a fora, não era um fator determinante para meu silenciamento. Os livros que não trazem nada da temática já nos dizem alguma coisa. Uma biblioteca que não tem livros com a temática também nos diz alguma coisa, e nos diz ainda mais quando há um monte delas na mesma situação. Descobri que o material que você tem em mãos não é mais importante que o ‘saber’ trabalhar com esse material. O material pode ser um mapa mundi; uma música; um desenho animado; uma novela; um jornal ou um telejornal; uma observação do bairro, da cidade, das pessoas, dos empregos das pessoas; uma brincadeira; uma frase de um livro na impossibilidade da aquisição do livro. O diferencial é propor uma reflexão sobre o material ou a falta dele.

Como tenho que desenvolver atividades lúdicas com as crianças, procurei materiais que me dessem esse suporte já que minha formação acadêmica e prática não tocam na educação infantil. Encontrei no material chamado “*A cor da Cultura*” e em suas referências outras publicações que serviram de base para uma série de atividades: referência para trabalhar a língua africana com crianças de maneira lúdica e fácil; desenvolver brincadeiras africanas; cantigas de roda afro brasileira; e etc. Enfim, uma série de atividades que fui retirando de artigos e blogs da internet. Comecei então a me dedicar a falar sobre o tema dentro da biblioteca e discutir com crianças através das atividades que já realizava.

Comecei localizando as crianças geograficamente no continente: pegamos um mapa mundi e um globo e fizemos um estudo sobre os países e continentes do mundo. É incrível pois a mais pequenas das crianças com 7 anos ao ser questionada sobre qualquer lugar do mundo ela já ouviu falar sobre a França, Inglaterra, Paris, Disney, Nova York, Japão, China, Rio de Janeiro, São Paulo, Portugal, Estados Unidos, Marte, e vários outros, mas nenhuma das 280 crianças que recebemos citou qualquer lugar na África. E eu pedi um lugar qualquer não especifiquei país, estado, cidade. Assim, localizamos o lugar onde estamos e onde está a África, seus países, suas belezas naturais e arquitetônicas. Para isso, utilizei data show e passei fotos de vários lugares na África, especificando

país e cidade. Utilizei também a ferramenta do Google Earth para percorrer lugares pelos países africanos. Algumas crianças não conheciam a possibilidade da visita virtual através do street view.

Utilizando do conteúdo da história recontei de modo adaptado à educação infantil, o tráfico de africanos para o Brasil. Falamos sobre reis portugueses, sobre navegações, piratas e comércio. Conteí muitas histórias de alguns países na África, retiradas de livros infantis indicados na pós. Além de histórias e lendas de diversos lugares na África, conteí histórias com personagens negros ou de autores negros, sempre mostrando a foto do escritor antes das histórias ou descrevendo os personagens do enredo de pele negra e cabelos crespos. E assim, conteí muitas histórias como *O casamento da Princesa; Tahi, o menino que não sabia mentir; O cego e o caçador; Chico Juba; O cabelo de Lele; Peppa; A lenda de Chico Rei; O filho do vento; Ifá, o Adivinho; O presente de Ossanha*; Várias histórias da coletânea *Mãe África*, para citar algumas.

Outra atividade proposta na biblioteca foi jogos e brincadeiras com palavras. Utilizando do material *A cor da cultura – a memória das palavras*, foi desenvolvido durante várias semanas atividades com palavras de origem africana e que fazem parte do nosso vocabulário. Aproveitando esse momento, inseri também palavras de origem indígena. Fizemos muitas dinâmicas utilizando as palavras.

A oficina de biblioteca é uma das atividades semanais que as crianças precisam participar, mas há outras atividades que envolvem instrutores de educação física, artes, música, inglês, teatro e dança. Por isso, consegui apoio de outras áreas para desenvolver comigo o tema “África” e cultura afro brasileira: a professora de inglês por exemplo, sempre mostra um trecho de uma música ou um desenho ao final da aula, sugeri então passar o desenho Bino e fino; e músicas de Bob Marley, Chuck Berry; Michel Jackson... Pois, as músicas e desenhos que ela passa eu aproveito para fazer um paralelo com as crianças depois. Como o caso da música de Bob Marley, *War*, que me ajudou a trabalhar uma frase da música inspirada no discurso do Imperador Haile Selassie da Etiópia: “*Enquanto a cor da pele de uma pessoa for mais importante que a cor dos olhos, haverá guerra*”. A instrutora de música também está trabalhando com as crianças, realizando oficinas de tambores; a de dança está trabalhando danças populares como a dança do pau de fita, cirandas entre outras coisas. A tentativa é que esta atividade se transforme em um projeto da Unidade e que envolva todas as áreas.

Outra atividade proposta aqui na biblioteca é exaltar a cultura popular que não é muito trabalhada no Projeto do Sesc e muito pouco nas escolas regulares. Então aqui dentro do acervo brincamos de roda, cantamos ciranda, fazemos brincadeiras de adivinhações, imitações, “O que é o que é”, trava-línguas... Outro ponto interessante foi trabalhar em agosto o folclore e em outubro, enquanto todo o Sesc se enfeitava de Halloween, a biblioteca se enfeitava de Saci Pererê. A Analista do Projeto veio até mim agradecer por lembrá-la que dia 31 de outubro é dia do Saci e me contou que em 5 anos de PHE nunca em outubro se falou de outra coisa senão bruxa, abóbora, caveira e fantasma. Podemos trazer certos aspectos populares em diversas época do ano e de diversas maneiras.

Hoje tenho a oportunidade de desenvolver esse trabalho na biblioteca, mas algumas escolas públicas não possuem uma pessoa que fique responsável pela biblioteca de maneira integral. Muitas vezes o responsável pelo acervo é uma professora, que tem outras tarefas além da biblioteca, assim como as professoras de ensino básico que possuem muitas disciplinas e precisam atender as demandas propostas por conteúdo a cada semestre. O meu trabalho hoje é contínuo de maneira a passar uma atividade dirigida, no caso aqui é a valorização da história africana e negra no Brasil, e ao mesmo tempo promover a cultura da leitura nas crianças, que muitas vezes não é desenvolvida na escola.

Para finalização dessas atividades na biblioteca, eu propus um sábado letivo onde várias áreas apresentariam atividades ao longo do dia, seria importantíssima a presença de convidados como os familiares e amigos das crianças e público geral. No sábado dia 19/11 portanto, seria um evento sobre a cultura africana e negra no Brasil desenvolvido pelas próprias crianças. A ideia inicial era várias áreas separar ao menos 1 aula ao mês para trabalhar o tema que vem sendo desenvolvido desde março de 2016. Mas com a resistência de alguns, que não queriam alterar o planejamento, apenas a biblioteca e a instrutora de música prosseguiram nas atividades temáticas.

Mesmo com esses pequenos contratempos a ideia é em novembro apresentar algo que possa trazer o tema para um sábado letivo, que geralmente tem outras temáticas e seria a primeira abordagem nesse assunto no Sesc Juiz de Fora com as crianças.

No PHE temos hoje 14 turmas: sete no período da manhã e sete no período da tarde. São sete instrutoras de sala que escolheriam cada uma um país africano que foi porta de saída do tráfico para o Brasil e falaríamos das influências que essas culturas deixaram na formação da nossa cultura brasileira: poderia ser Congo, Angola, Moçambique, Benin, Togo, Mali, Senegal, Costa do Marfim Guine-Bissau por exemplo. Com isso, a instrutora de sala com sua turma faria um pequeno estudo sobre cada país, que poderia culminar em diversos trabalhos, a depender da criatividade de cada turma.

Os instrutores de cultura (teatro, dança e artes visuais) fariam uma apresentação conjunta com atuações artísticas das crianças. Assim como a de música trabalharia ritmos e percussão por exemplo, a seu critério, com tanto que trabalhasse ritmos e tambores e músicas com matriz africana e as próprias apresentassem, os instrutores de teatro e de dança montariam uma performance corporal com as crianças e o de artes poderia junto com as crianças decorar o espaço e ainda trabalhar com máscaras, pinturas corporais, enfeites, e etc.

A ideia é realizar no sábado letivo um fechamento das atividades que foram propostas ao longo do ano pela biblioteca, trazendo os pais para esse universo de histórias, músicas e danças africanas e afro-brasileiras.

Anexo 4: PORTFÓLIO IV

Cynthia Filipino³⁴

“Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”.

Provérbio Ashanti

³⁴ Pós-graduanda do curso de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Há alguns meses assisti cética um golpe político no meu país, onde uma mulher eleita em uma eleição democrática foi obrigada a deixar seu posto porque meia dúzia de homens que estão há gerações no poder, apoiados pela classe média brasileira, não estavam satisfeitos com a situação do Brasil onde o periférico negro, começou a se encontrar com as elites brancas pelas universidades, pelos shoppings, pelos supermercados, pelos aeroportos e restaurantes. Passados alguns meses assisti a disputa eleitoral estadunidense onde venceu a homofobia, a segregação, o preconceito e o sexismo escancarados.

Por que ressaltar o contexto político neste último momento do portfólio? Porque afeta diretamente a nós que estamos cursando a primeira especialização de História da África em uma Universidade brasileira. Todo este contexto implica em mudanças que retrocedem os caminhos que já tínhamos percorrido. As mudanças propostas pelo novo governo afetam diretamente a educação que nosso principal foco em um curso como este. Falar de PEC 241 ou 55 ou qualquer outra medida que o governo ilegítimo propôs, é falar de tudo que estamos partilhando na especialização desde o seu início sobre educação, direitos, saúde e lazer, de minorias. Falar de política é também falar das mudanças que enfrentamos em relação a ela durante o curso. Jamais imaginaria que em menos de um ano, no início da pós-graduação, estaríamos vivendo esse período político tão instável e ameaçador.

O curso foi para mim um aprendizado de quem eu sou. Achei que fosse aprender a história de outras pessoas, as histórias “deles”, e acabei descobrindo que era a minha. Minha mudança pessoal, profissional, intelectual e estética foi visível ao longo deste um ano. É engraçado, porque é realmente o cabelo um ponto de grandes ataques racistas, mas como passei 20 anos da minha vida alisando, não me lembrava como era forte isso. Hoje escuto tipo: “- Virou neguinha agora?”; “- Que dia que seu cabelo volta ao normal?”; “- Preferia antes, agora parece que seu cabelo está sujo e sem pentear.” É preciso trabalhar a questão do cabelo, do nariz, do tom de pele com crianças. Pois desde que parei de alisar meu cabelo, várias crianças do PHE Sesc pararam também e muitas que vinham de coque soltaram o cabelo. A influência que temos sobre as crianças é enorme. As histórias que contei ajudaram, mas a minha postura diante de quem eu sou e do que eu faço mudou e ficou visível para elas também, pois eu não conto histórias, eu sou as histórias que conto, e as crianças são perceptivas a isso.

A pós-graduação foi muito feliz nas escolhas dos professores, dos tutores, nas escolhas dos temas, na proposta do portfólio e na proposta de TCC. Como foi importante para mim poder escrever quem sou, ou era. Me lembrou muito o filme “Escritores para a liberdade” que assisti a muito tempo e me deixou pensando se seria possível uma educação para a liberdade... e é, hoje acredito mais que antes nisso. Vocês trouxeram para a academia vivência de base, que era e é o que falta nas universidades, foi o que eu falei no período da graduação, e insisto: precisamos criar laços sociais e voltar para a população o que aprendemos na Universidade. E esse curso conseguiu brilhantemente fazer isso, gerou consciência que foi passada para frente, que chegou na periferia, chegou na escola,

chegou na parte de baixo. Estou vendo uma onda de transformação que pode ter iniciado com esse curso, mas até aonde ela vai atingir, não sabemos. Acredito que vai longe, muito longe.

Descobri na pós-graduação uma possível tendência a pedagogia, por isso me matriculei em uma graduação de pedagogia libertadora, e pretendo seguir na área de educação pois acredito que seja aonde acontecem as “guerras”, e onde a “luta” tem chance de ser vencida. A educação que vem demonstrando sinais de fracasso, devido a um projeto político, dos mesmos políticos que ganham força a cada dia, e que só poderão ser destituídos com muita luta, e esta luta começa dentro do ambiente escolar. A força da sociedade que é a base da sociedade está inconsciente, que prega o ódio, que vota em quem tem nojo de pobre, que acredita em tudo que lê, que defende político que rouba mas quer punição e morte de pobre, preto favelado. É esta massa de manobra que se usa para legitimar governo ilegítimo, legitimar propostas que excluem grande parte da população, e é esta massa que precisa entender sua história e postura no mundo.

Tenho muito a agradecer a todos que caminharam comigo durante o curso de especialização. Tenho uma imensa gratidão por essa oportunidade.